



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LETRAS - INGLÊS

LUIZ AUGUSTO DE ASSIS SOUZA

EPISÓDIOS DE OPRESSÃO COTIDIANA NO ROMANCE *O OLHO MAIS AZUL*

JOÃO PESSOA
2022

LUIZ AUGUSTO DE ASSIS SOUZA

EPISÓDIOS DE OPRESSÃO COTIDIANA NO ROMANCE *O OLHO MAIS AZUL*

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Inglesa.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Danielle de Luna e Silva

JOÃO PESSOA
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

Às mulheres ancestrais da minha vida, à minha avó, e à minha mãe, ambas *in memoriam*. Com uma saudade indelével, onde quer que estejam, sei que a força que eu carrego vem de vocês, mulheres que faziam colchas de retalho, ensinavam a ler, escrever e plantavam belíssimos jardins.

Ao meu pai e aos meus irmãos. A continuidade de nossa unidade como família serve de consolo para nossas perdas, dando um pouco de alívio às cicatrizes que nunca fecham.

À professora Dra. Danielle de Luna e Silva, por ter me apresentado esse novo universo desde o primeiro dia de aula, pelos livros emprestados, e por ter aceitado me orientar nessa jornada. Você nos inspira!

À professora Dra. Renata Gonçalves Gomes e ao grupo de estudos coordenado por ela, GRIFES, cujas leituras e discussões foram de extrema relevância para a realização deste trabalho.

À Universidade Federal da Paraíba, representada aqui, pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas - DLEM, por meio do corpo docente pelo qual passei. Além de acolhedores são excelentes profissionais e servidores públicos comprometidos com um ensino de excelência.

Aos meus amigos Anderson Carlos e Fabiana Alves, que tornaram esses anos na UFPB mais felizes. O apoio mútuo que nos demos, me fez chegar até aqui.

Aos demais colegas que ingressaram na mesma turma que eu, e os outros que porventura fui encontrando pelo caminho. Vocês são especiais.

À minha amiga Gabriela Garcia, arquivista e intelectual nas horas vagas, que prontamente, sempre providenciou impressões de material que embasaram essa pesquisa.

Ao meu amigo Renan Paulino, uma das grandes amizades que fiz na universidade, e que ajudou com as normas neste trabalho.

A minha filha (pet) Madonna (Mamãe), por sempre ter me acompanhado no silêncio das leituras, durante a digitação e em todos os processos de produção desse trabalho. Seus olhos sempre ali, me observando. Seu amor incondicional me envolve.

Cada um de nós está aqui hoje porque, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada um de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo.

(Audre Lorde, Irmã Outsider).

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a obra literária *O olho mais azul* (1970), da escritora estadunidense Toni Morrison (1931-2019) a fim de observar como a interseccionalidade das opressões de raça, gênero e classe afeta a vida de algumas personagens mulheres e negras. O livro conta a história de uma variedade de personagens negras, tentando sobreviver em uma comunidade onde algumas delas internalizam os padrões hegemônicos da branquitude. Ao internalizar esses valores, seus membros passam por uma série de opressões desencadeadas por essa aceitação. Nesse sentido, esta pesquisa busca entender em seus objetivos específicos o que levou algumas dessas personagens, em especial a protagonista Pecola Breedlove, a enxergarem a negritude de seus corpos como algo depreciativo, a ponto de enlouquecer. Para atingir estes objetivos, a conexão entre o pensamento feminista decolonial (LUGONES, 2008); (CURIEL, 2014), o pensamento feminista negro (COLLINS, 2019) e à crítica literária (CHRISTIAN, 1985) foram aqui utilizados para entender o funcionamento entrecruzado de opressões na vida dessas personagens a fim de chegarmos a conclusão de que as opressões que elas sofrem são consequência da colonialidade do poder e de gênero e seus desdobramentos.

Palavras-chave: Literatura Afro-Estadunidense. O Olho Mais Azul. Colonialidade do poder. Opressão. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the literary work *The Bluest Eye* (1970), by the Afro-american writer Toni Morrison (1931-2019) in order to observe how the intersectionality of race, gender and class oppression affects the lives of some black female characters. The book tells the story of a variety of black characters that try to survive in a community where some of them have internalized the hegemonic patterns of whiteness. By internalizing these values, they experience a series of oppressions triggered by this acceptance. In this sense, this research seeks to understand in its specific objectives what led some of these characters, especially the protagonist, Pecola Breedlove, to see the blackness of their bodies as something derogatory, to the point of losing her mind. To achieve these goals, the connection between decolonial feminist thought (LUGONES, 2008); (CURIEL, 2014), black feminist thought (COLLINS, 2019), and literary criticism (CHRISTIAN, 1985) were used here to understand the intertwined functioning of these oppressions in the lives of these characters in order to reach the conclusion that the oppressions they suffer are a consequence of the coloniality of power and gender, and their consequences.

Keywords: Afro-American Literature. *The Bluest Eye*. Coloniality of power. Oppression. Intersectionality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 DIÁLOGOS ENTRE OS ESTUDOS DECOLONIAIS, PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E CRÍTICA LITERÁRIA	13
3 TONI MORRISON (1931-2019): UMA ESCRITORA NEGRA	19
4 UMA LEITURA DAS MÚLTIPLAS OPRESSÕES NO ROMANCE <i>O OLHO MAIS AZUL</i>	26
4.1 A beleza que oprime	29
4.2 A pobreza que oprime	35
4.3 A comunidade que oprime	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

1 INTRODUÇÃO

“Como uma pessoa branca, eu percebi que fui ensinada sobre o racismo como algo que coloca os outros em desvantagem, mas também fui ensinada a não ver um de seus aspectos primordiais: o privilégio branco que me coloca em vantagem.”

(Peggy McIntosh)¹

Chegar até aqui é um privilégio! Em todos os sentidos. Não apenas por finalizar a longa jornada de um processo formativo, mas também por ter aprendido durante esses anos que esse privilégio, entendido como a sensação que senti ao terminar o curso de Letras Inglês, em uma Universidade pública e de qualidade, é também um “privilégio”. E percebi que esse outro “privilégio” é para poucos.

Enquanto produzia essa pesquisa, dados do Censo da Educação Superior de 2020 foram liberados e a *Folha de São Paulo* estampou a seguinte manchete, na versão digital de seu jornal do dia 18 de fevereiro de 2022: “Universidades públicas tiveram queda de 18,8% no número de concluintes”. Fato que confirma que esse “privilégio” é para poucos.

Desafios ocasionados pela crise sanitária, advento da pandemia da COVID-19, foram um dos fatores analisados. Finalizar o curso em meio a uma situação excepcional como essa, aliados aos cortes estratosféricos nas verbas destinadas às universidades, refletiram na diminuição da assistência estudantil, entendida aqui, como tão necessária para a conquista desse privilégio, impactando a vida de milhares de estudantes. Em especial os cotistas negros e egressos de escolas públicas, quilombolas e indígenas foram os mais afetados por essa dura realidade.

Nesse contexto, pude despertar ainda mais para o meu “privilégio”. Com um trabalho estável, tempo suficiente para organizar os meus estudos, acesso à internet ilimitado, equipamentos digitais modernos aliados ao apoio familiar pude dar continuidade ao meu processo formativo em meio a desordem global que a pandemia trouxe. E foi necessário eu chegar até aqui, para que finalmente pudesse enxergar o que significava esse “privilégio”: o fato de eu ser branco.

Portanto, esse Trabalho de Conclusão de Curso parte do meu interesse em entender que privilégio é esse, que coloca em clara vantagem uns em relação a outros? Quem o

¹ Citação extraída do artigo *White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack* (MCINTOSH, 1989, pp.10-12).

instituiu? Com que propósitos? São apenas uns dos questionamentos que primeiro me instigaram. E durante o curso comecei a obter as respostas para essas indagações.

Sendo filho de uma professora de Português de formação clássica, o universo da literatura esteve sempre presente na minha vida. Livros, contos, poemas, conversas literárias, indicações de livros e filmes sempre fizeram parte de minha rotina familiar. A passagem por um outro curso de Letras com habilitação em português/espanhol em uma instituição privada, também contribuiu para fomentar o gosto pela leitura e o universo literário. Me tornei professor da Educação Básica e fui desenvolver minhas atividades.

No entanto, ingressar no curso de Letras Inglês da UFPB foi um divisor de águas na minha experiência leitora e, conseqüentemente, com a experiência literária. Minha paixão pela literatura me induziu a escolher o curso, pois achava que ia encontrar mais aprofundamento para o meu pouco conhecimento de autores como Shakespeare, Jane Austen, Virginia Woolf e demais figuras que compõem o panteão de escritores em língua inglesa. E os encontrei. Todos no seu lugar. O lugar do privilégio.

Logo no primeiro período, a visão que eu tinha começou a ruir. Nas aulas de Cultura dos Povos de Língua Inglesa, ministradas pela professora e orientadora desta pesquisa, Dra. Danielle de Luna, fomos apresentados ao universo dos estudos culturais, por meio de uma epistemologia inédita para o conhecimento que eu achava que tinha: os estudos pós-coloniais. Foi também, durante essa cadeira, que conhecemos a obra da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Começou a partir daí, a se delinear a minha inquietação.

Prosseguindo nos estudos, no segundo período fiz a matrícula em uma disciplina chamada “Mulher e Literatura”, ministrada tão magistralmente pela professora Dra. Renata Gomes. Ali, entrei em contato com um universo totalmente desconhecido em meus 36 anos de vida, à época. Fui apresentado às diferentes correntes das teorias feministas, além de conhecer a escrita literária de autoria feminina de diferentes lugares, posicionamentos e alinhadas a essas teorias. Fiquei tão fascinado, que a convite da professora, entrei para o GRIFES, Grupo de Estudos sobre a Crítica Feminista Estadunidense, através de uma seleção, na qual fiquei em segundo lugar.

Participar do GRIFES contribuiu de maneira a consolidar meus interesses de pesquisa. Ser o único integrante do sexo masculino, em meio a tantas mulheres que participam do projeto, nunca me intimidou. Ao contrário, fez com que a minha relação com essas mulheres e o feminismo fosse alterada de maneira significativa. A variedade de textos, autoras, correntes e discussões realizadas nos encontros presenciais inicialmente, passando para remotos durante

a pandemia, foram de extrema relevância para começar a pensar nos meus interesses em relação a todo esse referencial teórico, que era tão novo para mim.

Como participante do PIVIC - Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica - desse projeto de pesquisa, logo descobri que o que me interessava eram os estudos sobre negritude e branquitude. Desenvolvi um plano de trabalho cuja tema abordava essas relações no texto literário, produzindo uma pesquisa voltada a análise dessas relações em um conto da escritora estadunidense de fins do século XIX, Kate Chopin.

A princípio, Chopin já estava delimitada como uma possível escritora que analisaria em meu futuro TCC. O pré-projeto que havia idealizado na disciplina de Pesquisa Aplicada, ministrada pela professora Dra. Francieli Freudemberger Martiny, já trazia todas as minhas intenções em desenvolver essa pesquisa. Mas em uma conversa com a brilhante professora Dra. Genilda Azeredo, na disciplina de Literatura Inglesa I, ao pedir indicação de leituras literárias que demarcavam essa relação entre negritude e branquitude, ela me indicou o livro *O olho mais azul* (1970)², de Toni Morrison. A princípio, não dei muita atenção, mas guardei a indicação preciosa dessa obra.

Conheci Morrison, por meio da discussão de um de seus textos no GRIFES, oriundo do lançamento no país, do seu livro de ensaios *A origem dos outros* (2019), coincidentemente no mesmo ano de sua morte. Outro livro da escritora, *Playing in the Dark* (1993), foi-me emprestado pela professora Danielle de Luna, a fim de que me auxiliasse no desenvolvimento de minha pesquisa para o PIVIC. Apesar de nunca ter lido suas obras literárias, esses dois livros de não ficção foram essenciais para que eu pudesse entrar em contato com Morrison e seu universo ficcional.

Seguindo na pandemia, devido ao “tempo” em casa e as “facilidades” que o trabalho remoto possibilitou, comecei a ter mais tempo para leitura e a comprar os livros que utilizo nesta pesquisa como referencial teórico. Mas ainda não havia escolhido o que fazer. Foi durante a aula de Literatura Norte-Americana II, também ministrada pela professora Danielle de Luna, que veio a ideia, ao discutirmos um texto de Patricia Hill Collins (2019). Foi a partir daí, que comecei a traçar o caminho percorrido nesta pesquisa. O contato com a literatura de autoria feminina e negra, acompanhada do referencial teórico produzido por mulheres negras e de cor, me envolveu sobremaneira com o projeto da minha pesquisa, pois foi a partir deles que comecei a obter as respostas para as minhas indagações.

² A data de 1970 é utilizada apenas como referência à data de publicação em língua inglesa. Todas as outras menções ao livro tem por base a tradução para o a língua portuguesa de 2019.

De início, a leitura superficial que fiz do livro *O olho mais azul* ainda não havia me despertado para sua escolha. E fui ampliando a minha bagagem teórica com as leituras dos livros que havia comprado com o intuito de começar a pensar nesta pesquisa. E foi lendo Grada Kilomba (2019) que tive o *insight*. Estava consolidada a minha ideia de pesquisa.

Portanto, neste Trabalho de Conclusão de Curso minha intenção é reunir todo esse universo “novo” ao qual fui apresentado, na tentativa de descobrir e responder as perguntas iniciais que fiz a mim mesmo sobre o privilégio branco. Quem são essas mulheres das quais eu nunca havia ouvido falar? Quem é Toni Morrison, que mesmo com um prêmio Nobel de Literatura (1993), eu nunca havia ouvido falar, antes de entrar para o curso? O que elas querem nos dizer sobre o privilégio?

Com o intuito de responder a essas perguntas, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a obra literária *O olho mais azul* (1970), a fim de observar como a interseccionalidade³ de opressões afeta a vida de algumas personagens negras da história.

E como objetivos específicos, entender como a colonialidade do poder constitui formas de opressão de raça, classe e gênero; Analisar como um sistema de opressões instituído pela branquitude, opera na trama do romance *O olho mais azul*, impactando a vida de algumas personagens mulheres, negras, de diferentes classes sociais e membros de uma comunidade.

A relevância dessa pesquisa, já se mostra pela própria escolha do referencial teórico: utilizar as vozes de mulheres negras e de cor invisibilizadas, silenciadas e pouco difundidas nos espaços acadêmicos e de poder, falando por si mesmas, sobre a realidade de opressão que elas mesmas vivenciam.

A descoberta da conexão entre as vozes uníssonas de mulheres negras e de cor que utilizo nesta pesquisa, foi arrebatadora para mim. Por isso as escolhi para compor o referencial teórico aqui apresentado. Portanto, procurei utilizar a pesquisa bibliográfica como parâmetro de pesquisa, selecionando uma epistemologia produzida por mulheres negras e de cor. Alice Walker, Angela Davis, Audre Lorde, Barbara Christian, bell hooks⁴, Giovana Xavier, Grada Kilomba, María Lugones, Ochy Curiel, Patricia Hill Collins e Toni Morrison, são algumas das teóricas que busquei para essa pesquisa.

³ Termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), a interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2020, p. 16)

⁴ A autora assina seus trabalhos com letras minúsculas.

Por fim, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi estruturada em três capítulos. No Capítulo 2, tentarei conectar os estudos decoloniais com o pensamento feminista negro e a literatura ao contextualizar o conceito de colonialidade do poder, ampliado pelo conceito de colonialidade de gênero, a fim de entender as relações de dominação, exploração e conflito entre o colonizador e o colonizado.

No Capítulo 3 a escritora Toni Morrison será apresentada, assim como sua obra, e a relação entre seus principais trabalhos ficcionais e não ficcionais. No Capítulo 4, será apresentada a análise do livro *O olho mais azul*, buscando evidências que confirmem nosso objetivo de entender como as opressões de raça, classe e gênero operam na vida de algumas personagens mulheres e negras, com destaque para a protagonista, Pecola, e os impactos dessas opressões na vida delas.

Despertar para o meu privilégio branco, só foi possível através da minha conexão com essas vozes femininas negras. Esse despertar começa a partir da própria frase que Toni Morrison utiliza para iniciar o romance : “Cá entre nós” (MORRISON, 2019, p. 9). No original, “Quiet as it’s kept.” Foi como se ela mesmo estivesse querendo me contar um segredo, algo que eu não sabia. Esse ato, configurou para mim, essa descoberta de um universo desconhecido. Como a própria Morrison afirma no posfácio do livro:

“Cá entre nós”, também é uma figura de linguagem que, neste caso, está escrita, mas que foi intencionalmente escolhida por ser tão oral, por falar e revelar um mundo particular e seu ambiente. Além disso, além da sua conotação de “conversa de portão”, da sugestão de mexerico ilícito, de revelação sensacional, há também, no “sussurro”, a suposição (da parte do leitor) de que quem fala, está a par, sabe algo que outros não sabem e será generoso com essa informação privilegiada. A intimidade que eu estava visando, a intimidade entre o leitor e a página, podia ter início imediatamente, porque na melhor das hipóteses, o segredo está sendo compartilhado e, no mínimo, entre ouvido às escondidas. Parecia-me crucial uma familiaridade repentina ou uma intimidade instantânea. Eu não queria que o leitor tivesse tempo para pensar: “O que é que eu tenho que fazer, do que tenho que abrir mão para ler isto? De que defesa preciso, que distância manter?” Porque sei (e o leitor não, pois tem que esperar a segunda sentença) que esta é uma história terrível sobre coisas que se preferia ignorar completamente (MORRISON, 2019, p. 212-213).

Morrison ao revelar o segredo sobre algo que seria indizível, quebra o silêncio, dando voz ao que permaneceu mudo e invisível na vida das mulheres negras. Ela transcende o silêncio através da linguagem, e no processo transforma o romance à medida que ela reforça sua própria identidade como uma escritora que usa palavras para desvelar o silêncio.

2 DIÁLOGOS ENTRE OS ESTUDOS DECOLONIAIS, PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E CRÍTICA LITERÁRIA

“A descolonização [...] continua a ser um ato de confrontação com um sistema de pensamento hegemônico; é, conseqüentemente, um imenso processo de liberação histórica e cultural. Como tal, a descolonização se torna a contestação de todas as formas e estruturas dominantes, sejam elas linguísticas, discursivas ou ideológicas. Ademais, a descolonização passou a ser entendida como um ato de exorcismo tanto para o colonizado quanto para o colonizador. Para os dois lados, deve ser um processo de libertação: da dependência, no caso do colonizado, e, por parte do colonizador, das percepções, instituições e representações imperialistas e racistas que, infelizmente, permanecem conosco até hoje. [...] A descolonização só pode ser completa quando é compreendida como um processo complexo que envolve ambos, o colonizador e o colonizado.”

(Samia Mehrz)⁵

Neste capítulo, proponho um diálogo entre os estudos decoloniais, o pensamento feminista negro e a crítica literária, com o objetivo de entender como o estabelecimento de um poder global organiza a sociedade, e conseqüentemente impacta a vida de mulheres negras. Como o texto literário será o *locus* central de nossas análises, tentaremos relacionar decolonialidade e literatura, a fim de mostrar que este pode ser um importante espaço de análise para os estudos decoloniais.

⁵ Citação extraída do artigo *The Subversive Poetics of Radical Bilingualism: Postcolonial Francophone North African Literature*, parte de uma coletânea de textos organizados por Dominick LaCapra no livro *The Bounds of Race: Perspectives on Hegemony and Resistance*, p. 258. Tradução do original: “Decolonization [...] continues to be an active confrontation with a hegemonic system of thought and hence a process of historical and cultural liberation. As such, decolonization becomes the contestation of all dominant forms and structures whether they be linguistic, discursive, or ideological. Moreover, decolonization comes to be understood as an act of exorcism for both the colonized and the colonizer. For both parties it must be a process of liberation: from dependency, in the case of colonized, and from imperialist, racist perceptions, representations, and institutions which, unfortunately, remain with us till this very day, in the case of colonizer. [...] Decolonization can only be complete, however, when it is understood as a complex process that involves both the colonizer and the colonized (MEHRZ, 1991, p. 258).

Nas ciências sociais, muitas vezes pensamos que estudos pós-coloniais e decoloniais enquanto perspectivas epistemológicas e políticas, são a mesma coisa. Porém, existem diferenças cujo esclarecimento é importante.

O pós-colonial, como categoria, conceito e perspectiva, surge das teorias pós-coloniais, nos anos de 1980, na Inglaterra e nos Estados Unidos. O palestino Edward Said, com o seu livro *Orientalismo*, apresenta algumas das pautas dessas teorias, onde se cria um vínculo entre as ciências humanas europeias e o imperialismo, através da construção do outro-Oriente que produz o Ocidente. Posteriormente se destacam estudos realizados na Índia por Gayatri Spivak, Homi K. Bhabha, e no Caribe, pelo afro-jamaicano Stuart Hall.

Aquilo que entendemos como estudos pós-coloniais carrega um problema teórico e político, além de tomar o colonialismo como um evento dos séculos XVIII e XIX, visto a partir das experiências britânicas na Índia e no Oriente. Para os estudos decoloniais, a experiência colonial começa em 1492, trezentos anos antes - um ponto de partida fundamental, porque é a partir desse momento que se concretiza a relação modernidade/colonialidade que produz a superioridade epistêmica e política do Ocidente sobre o resto do mundo.

O pensamento decolonial traz uma nova compreensão acerca das relações globais e locais. A modernidade ocidental eurocêntrica, o capitalismo mundial e o colonialismo são uma trilogia inseparável. A América é um produto da modernidade na construção de um sistema-mundo; A Europa, para constituir-se como centro do mundo, a produziu como sua periferia desde 1492, quando o capitalismo se tornou mundial, através do colonialismo.

A perspectiva decolonial é uma das mais atuais e contestadoras linhas do pensamento feminista contemporâneo. Reivindica a desconstrução de leituras hegemônicas sobre a mulher e o discurso de feministas oriundas de países historicamente dominantes. É nesse cenário que emerge o pensamento decolonial, com novas teorias e novos questionamentos sobre os problemas de gênero, raça, classe e da própria epistemologia.

A *colonialidade do poder* (QUIJANO, 1997) é um conceito muito utilizado nos estudos decoloniais a fim de explicar a intersecção entre as opressões em termos estruturais amplos. Aníbal Quijano analisa o conceito de raça e gênero pautados em uma visão eurocêntrica na construção desses conceitos, de acordo com o padrão do poder capitalista. Ele argumenta que o poder está estruturado em relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais que disputam o controle dos eixos básicos da vida humana: sexo, trabalho, autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e seus produtos. Segundo o pesquisador peruano, é em cima desses quatro pilares que o poder capitalista, eurocêntrico e

global mantém a colonialidade do poder e organiza a modernidade em um complexo sistema-mundo.

A colonialidade do poder, nada mais é do que a constituição de um poder mundial capitalista moderno e colonial, instituído a partir da criação da ideia de raça, que passou a ser biologicamente imaginada, para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores. Partindo desse pressuposto instaurou-se um domínio do colonizador sobre os colonizados que persiste vigente mesmo após a descolonização.

Uma das vozes femininas nos estudos decoloniais é a argentina María Lugones (2008). Ela propõe um feminismo decolonial ao investigar as relações entre colonialidade e gênero. A autora concorda com muitas das ideias de Quijano sobre colonialidade, mas discorda do papel que o gênero ocupa em suas análises. Lugones contesta a visão que ele possui sobre gênero e sexualidade, afirmando que seu conceito de construção moderna/colonial do gênero são limitados, pois seu olhar pressupõe uma compreensão patriarcal e heterossexual sobre o conceito de gênero. A teórica propõe uma revisão conceitual, que leve em consideração as diferentes visões sobre os papéis de gênero, em especial naqueles observados nas sociedades antes do processo de colonização. Sobre a revisão desse conceito ela afirma:

A lógica dos eixos estruturais mostra o gênero como formado por e formando a colonialidade do poder. Nesse sentido, não existe uma separação de raça/gênero no padrão de Quijano. Acredito ser correta a lógica que ele apresenta. Mas o eixo da colonialidade não é suficiente para dar conta de todos os aspectos do gênero (LUGONES, 2008, p. 60).

Lugones reflete sobre o conceito de gênero e colonialidade do poder e o quanto esses elementos estão intrinsecamente ligados moldando os papéis sociais de gênero. Segundo a pesquisadora, no quadro que Quijano elabora existe uma descrição de gênero que não é questionada, carregada de pressupostos como o dimorfismo sexual, a heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras ideias desse tipo.

É a partir da problematização do papel do gênero na colonialidade que a teórica propõe um feminismo decolonial. Como o capitalismo eurocêntrico global se constituiu por meio da colonização, ela argumenta que diferenças de gênero foram introduzidas onde antes não havia nenhuma, mostrando que o alcance do sistema de gênero imposto por meio do colonialismo inclui a subordinação das mulheres em todos os aspectos da vida. Na visão de Lugones (2008), o sistema de gênero moderno/colonial afeta as interpretações, teorizações, investigações, metodologias e muitas das práticas políticas do feminismo, reproduzindo assim o racismo e a colonização bem como todas as formas de opressão.

Com intuito de problematizar o que afeta essas interpretações, teorizações e investigações moldadas pelo eurocentrismo, a antropóloga e teórica feminista afro-dominicana Ochy Curiel (2014) acrescenta para o feminismo decolonial um importante debate metodológico. Para ela é essencial o uso de uma metodologia feminista que se concentre em questões tais como, propostas de feministas decoloniais que apresentam e problematizam o que seria a metodologia feminista. Para Curiel, o ponto de vista do lugar de enunciação é de fundamental relevância metodológica, pois acredita que esse lugar afeta as interpretações sobre as pesquisas realizadas. Sobre esse ponto de vista a teórica afirma:

Esse é um ponto de partida ético fundamental. Entretanto, a reflexividade da visão decolonial não é apenas sobre nos autodefinir na produção de conhecimento, mas também sobre produzir um conhecimento que leve em conta a geopolítica, a “raça”, a classe, a sexualidade, o capital social e outros posicionamentos (CURIEL, 2014, p. 131).

A proposta de Curiel dialoga com a proposta epistemológica do pensamento feminista negro em muitos aspectos, principalmente quando ela propõe o ponto de vista enunciativo na produção do conhecimento. Nesse sentido, o pensamento feminista negro estadunidense, utiliza como ferramenta de análise a teoria social crítica, por meio da qual, revela a produção intelectual de mulheres negras e a expressão do conhecimento e da política dessas mulheres. A relevância desse conhecimento é de fundamental importância para problematizar as experiências vivenciadas por mulheres afetadas pelo racismo, classismo, a heterossexualidade e a geopolítica.

Patricia Hill Collins, socióloga e crítica feminista afro-estadunidense, aprofunda-se na questão do ponto de vista do pensamento feminista negro. Segundo Collins (2019), esse ponto de vista possui dois componentes: de um lado as experiências político econômicas que geram um conjunto de experiências diversas e uma perspectiva diferente sobre a realidade material em que vivem as afro-estadunidenses, e por outro lado a criação desse pensamento significa entender como essa consciência é criada desde a experimentação de determinada realidade, que pode melhor ser interpretada por quem a vive. Para a socióloga,

a existência de um ponto de vista autodefinido pelas mulheres negras, que utiliza a epistemologia feminista negra, põe em questão o conteúdo atualmente reconhecido como verdade, ao mesmo tempo que questiona os processos que permitiram chegar a essa verdade (COLLINS, 2019, p. 432).

A existência de um pensamento feminista negro sugere outro rumo para as verdades universais que acompanham a identidade do que é ser mulher e negra. Ao trazer a

subjetividade da mulher negra para o centro de análise, Collins examina a interdependência do conhecimento cotidiano pressuposto, que a coletividade das afro-estadunidenses compartilha, os conhecimentos mais especializados produzidos por intelectuais negras, além das condições sociais que moldam esse tipo de conhecimento. A respeito dessa abordagem, a teórica afirma:

Abordo o pensamento feminista negro como parte de um contexto de dominação, não como um sistema de ideias desligado da realidade político econômica. Ademais, apresento o pensamento feminista negro como um conhecimento subjugado por meio do qual as afro-americanas há muito tempo buscam encontrar espaços e epistemologias alternativas para validar nossas autodefinições (COLLINS, 2019, p. 429).

O lugar social das afro-estadunidenses como coletividade estimulou a formação de tradições intelectuais feministas negras específicas, embora heterogêneas. As contribuições de Patricia Hill Collins para a compreensão do pensamento feminista negro, são analisadas em seu livro *Black Feminist Thought* (1990)⁶, e se voltam às abordagens epistemológicas e à política do empoderamento. Usando o conceito de interseccionalidade e matriz de dominação, a socióloga demonstra como raça, classe, gênero e sexualidade constituem sistemas de opressão que se retroalimentam, em especial no contexto estadunidense.

Em seu trabalho, Collins problematiza o conceito de matriz de dominação na tentativa de entender como o racismo, a heterossexualidade, o colonialismo e o classismo interagem e integram quatro características dessa matriz: elementos estruturais, como leis e políticas institucionais; aspectos disciplinares, como hierarquias, burocracias e técnicas de vigilância; elementos hegemônicos, como ideias e ideologias; e aspectos interpessoais, como práticas discriminatórias usuais e cotidianas. Para as mulheres afro-estadunidenses, o conhecimento adquirido nas opressões interseccionais de raça, classe e gênero incentiva a elaboração e a transmissão dos saberes subjugados da teoria social crítica das mulheres negras.

A matriz de dominação proposta por Collins (2019), engloba três dimensões. A exploração do trabalho das mulheres negras, a dimensão política da opressão que negou às mulheres afro-estadunidenses os direitos e privilégios que costumam ser estendidos aos cidadãos brancos do sexo masculino, e a imagens de controle surgidas no período escravagista e ainda hoje aplicadas às mulheres negras: *mammy*, matriarca, mãe dependente do estado e Jazabel. A herança colonial dessas imagens de controle sobre a mulher negra contribui

⁶ A data da obra se refere à publicação original em língua inglesa de 1990. Todas as referências anteriores e posteriores utilizadas nesta pesquisa, levam em consideração a tradução para português, “Pensamento Feminista Negro”, de 2019.

sobremaneira para as opressões vivenciadas por elas em seu cotidiano, em todas as esferas da vida social.

Por ser no cotidiano que essas imagens de controle são reproduzidas e encenadas, Grada Kilomba (2019) acrescenta uma importante reflexão para os estudos decoloniais, ao analisar a intersecção de opressões no cotidiano dos sujeitos negros. Em *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*

a autora examina a atemporalidade do racismo cotidiano, descrito, segundo ela, pela combinação dessas duas palavras: ‘plantação’ e ‘memórias’ descrevendo o racismo cotidiano não apenas como reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática e negligenciada (KILOMBA, 2019, p. 29).

Kilomba afirma que o racismo é uma realidade violenta, que silenciou durante muitos anos as vozes que tentam contestá-lo, argumentando que é necessário uma mudança de perspectiva para o sujeito que vive a realidade falar com sua própria voz. Ela tenta mostrar como o racismo viola os interesses políticos, sociais e individuais dos sujeitos negros, destituindo-lhes do status de sujeitos e de sua própria subjetividade. De acordo com a teórica, o racismo possui três características simultâneas: a diferença, a hierarquia e o poder. Essa combinação, fomenta o racismo, que nas palavras da autora, “é a supremacia branca”. (KILOMBA, 2019, p. 76).

Em sua pesquisa, Kilomba define três tipos de racismo. O racismo estrutural, que exclui pessoas negras e de cor da maioria das estruturas sociais e políticas, privilegiando apenas os sujeitos brancos. O racismo institucional, que enfatiza que além do racismo ser ideológico, ele também é institucionalizado, o que ajuda a colocar os sujeitos brancos em clara vantagem em relação a outros grupos racializados. E por fim o racismo cotidiano, que se refere a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor, não só como o “Outra/o” no qual o sujeito branco mede a sua diferença, mas também como “Outridade”, isto é, a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca, ou seja, daquilo com o que o sujeito branco não quer ser reconhecido.

Por meio dessa perspectiva, o pensamento feminista decolonial aliado ao pensamento feminista negro, tornam-se importantes ferramentas de análise da interseccionalidade de opressões que perpassam a vida das mulheres negras e de cor.

Nesse giro decolonial⁷, a literatura também pode servir como um importante meio para reflexão e análise dentro dos estudos decoloniais. Quando se pensa em termos de colonialidade, é preciso ter em mente que não estamos buscando um tipo universal de mulher, ou uma mulher específica — mas mulheres. É preciso considerar que o trato com a literatura por parte de mulheres de comunidades indígenas é diferente do trato com a literatura por parte das mulheres negras e de cor.

A tentativa em relacionar literatura e decolonialidade necessariamente busca operar de maneira que estas mulheres diferentes estejam falando sobre o mundo, não apenas sobre seu mundo. Mas também que existam outras mulheres que escrevem diferentemente sobre o mesmo mundo. Que mulheres consigam cada vez mais escrever de diferentes lugares e diferentemente umas das outras. “Ser capaz de usar a extensão plena da própria voz, tentar expressar a totalidade do ‘eu’, é uma luta recorrente na tradição das escritoras negras”⁸ afirma a teórica e crítica literária negra Barbara Christian em seu livro *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers* (1985, p. 172).

Christian relaciona essa busca por uma voz à construção de uma tradição literária de escritoras negras e Patricia Hill Collins afirma que “muito do que há de melhor no pensamento feminista negro reflete essa busca de uma voz coletiva e autodefinida, e também expressa um ponto de vista mulherista⁹ plenamente articulado.” (COLLINS, 2019, p. 183). Dessa maneira, a literatura torna o mundo possível, e o mundo torna a literatura possível. Que seja possível, então, um mundo no qual as mulheres negras e de cor sejam possíveis. Essa é uma possibilidade que conecta literatura e decolonialidade.

A escritora afro-estadunidense Toni Morrison, para tornar esse mundo possível, reflete sobre a importância da memória individual e coletiva em seus escritos, utilizando a narrativa como forma de organizar o pensamento coletivo e individual dos sujeitos negros por meio de suas experiências e vivências. Sobre esse universo literário a autora pontua:

Na cosmologia do Terceiro Mundo tal como a entendo, a realidade não se encontra já constituída por predecessores literários pertencentes à cultura ocidental. Se meu trabalho é confrontar uma realidade diferente daquela recebida do Ocidente, devo centralizar e animar um conjunto de informações desacreditadas pelo Ocidente — desacreditadas não porque não sejam verdadeiras ou úteis ou mesmo de algum valor

⁷ Giro decolonial é um termo criado originalmente pelo pesquisador porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2005) e que basicamente significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade.

⁸ Tradução do original: “To be able to use the range of one’s voice, to attempt to express the totality of self, is a recurring struggle in the tradition of these writers” (CHRISTIAN, 1985, p. 172).

⁹ Mulherista: termo utilizado por Alice Walker (womanist) e que chama atenção para ideia de solidariedade com humanidade. Segundo Walker, somos mulheristas quando estamos comprometidas com a sobrevivência e a integridade plenas de mulheres e homens.

racial, mas porque são pertencentes a um povo desacreditado, informação desprezada como “lenda” ou “fofoca” ou “mágica” ou “sentimento”. Se minha obra deve refletir fielmente a tradição da cultura estética afro-americana, preciso fazer uso de suas formas artísticas, traduzindo-as para o papel impresso: o caráter antifônico, a natureza grupal da arte, sua funcionalidade, a dimensão improvisacional, a relação com a performance que se realiza perante um público, a voz crítica que sustenta a tradição e os valores comunitários, mas que também engendra uma ocasião para o indivíduo transcender ou desafiar as restrições do grupo. (MORRISON, 2020, p.424).

No trecho, Morrison destaca o papel de uma tradição literária que sirva para dar voz a quem sempre foi desacreditada, silenciada e negligenciada social, econômico e culturalmente pela cultura hegemônica ocidental, pautada pelo eurocentrismo branco, heteronormativo, frutos da colonialidade do poder, com o intuito de que a comunidade negra transcenda para além dessas opressões.

Numa época em que o pensamento é reduzido a poucos caracteres nas redes sociais, a importância da palavra é um dos legados de Toni Morrison, uma das maiores escritoras da história estadunidense. Em seus trabalhos ela se aprofunda em aspectos cruciais da cultura e da sociedade, utilizando a força da linguagem, afirmando seu papel como escritora por meio de sua força criativa e imaginação literária, para dar existência a uma literatura especificamente afro-estadunidense.

3 TONI MORRISON (1931-2019): UMA ESCRITORA NEGRA

“Meu propósito aqui é observar a panóplia composta de certos questionamentos recentes e instigantes sobre o que constitui ou o que deveria constituir um cânone literário, tendo por intuito sugerir algumas formas de abordar a presença afro-americana em nossa literatura que não demandem nem massacres nem reificações - pontos de vista que talvez consigam fazer que toda uma literatura da nação salte para fora da solidão em que esteve trancafiada. Pois há algo que se chama literatura americana e que, de acordo com as convenções, não é nem literatura chicana, nem afro-americana, nem sino-americana, nem nativo-americana. Trata-se de um tema separado demais [...]”

Toni Morrison produziu algumas das mais significativas obras de ficção da contemporaneidade. Além de ficção, produziu ensaios, palestras, entrevistas, artigos e crítica literária, o que nos mostra a dimensão da versatilidade da escritora. Anos de experiência como editora chefe da editora de livros *Random House*, aliadas à sua carreira como professora de literatura em renomadas universidades estadunidenses como a Universidade do Sul do Texas, Princeton e Yale, contribuíram para uma maior aproximação com o universo literário. Sua carreira tem início em meio as lutas pelos Direitos Civis, em uma sociedade extremamente racializada, sendo sua própria experiência como mulher afro-estadunidense objeto de profundas reflexões em seus escritos na área de ficção, como *O olho mais azul* (1970) ou na área da crítica literária, *A origem dos outros* (2017).

De acordo com Tessa Roynon no livro *The Cambridge Introduction to Toni Morrison* (2013), Toni Morrison nasceu em Lorain, estado de Ohio, no ano de 1931, filha de imigrantes, descendentes de nativo estadunidenses vindos do Sul, com uma infância perpassada por episódios de extrema dificuldade, reflexos do período pós-Grande Depressão (1929), nos Estados Unidos. No início de sua vida escolar, Morrison se torna uma ávida leitora dos ‘clássicos’ e apenas posteriormente (re)descobre a literatura afro-estadunidense. Trabalhou como atendente na Biblioteca Pública de Lorain, e, na escola, escreveu para o jornal e o livro do ano. Em 1949 entrou para a universidade, se tornando o primeiro membro da família a conquistar esse feito. Em 1955, concluiu seu mestrado com apenas 24 anos. A partir desse momento, começou sua carreira como professora universitária na Universidade do Sul do Texas.

Em 1968, Morrison se mudou para Nova Iorque para trabalhar como editora sênior. No início da década de 1970, após várias tentativas, consegue publicar seu primeiro romance, *O olho mais azul*. *Sula*, seu segundo livro, foi lançado em 1973. O primeiro romance de sucesso de Morrison foi *Canções de Salomão*, de 1977. A partir desse livro começou a ganhar seus primeiros prêmios literários. No ano de 1981, escreveu *Tar Baby*, cujo enredo aborda o romance entre dois afro-estadunidenses de diferentes mundos. Um de seus mais famosos e aclamados livros, *Amada*, foi publicado em 1987. Durante esse período se consolidou como uma escritora de sucesso e ganhou o prêmio *Pulitzer* de 1988 por essa obra.

¹⁰ Citação extraída do artigo *Coisas indizíveis não ditas: A presença afro-americana na literatura americana* in: **A fonte da autoestima** (MORRISON, 2020, p. 214).

Do final dos anos 1980 em diante, Morrison desenvolveu importantes escritos na área da crítica literária oriundos de inúmeras conferências proferidas em universidades. Em 1988, apresenta o artigo *Unspeakable Things Unspoken*. Outro trabalho de destaque na área da crítica literária é o livro *Playing in the Dark*, de 1992 e que surgiu a partir de uma série de suas conferências na Universidade de *Harvard* e no *Trinity College*. Em 1993, Morrison se tornou a primeira escritora negra a ganhar o prêmio Nobel de Literatura.

Com uma carreira consolidada, em 1998 é lançado o livro *Paraíso* e seu oitavo livro de sucesso, *Amor*, em 2003. A autora continuou engajada proferindo conferências pelo mundo afora. Recebeu títulos de diversas universidades europeias pelo conjunto de sua obra, contribuindo para fomentar discussões sobre racismo e literatura. Ainda em vida, publicou *Compaixão* (2008), *Voltar para casa* (2012) e *Deus ajude essa criança* (2015). Em 2016, uma série de palestras que a escritora ministrou na Universidade de Harvard sobre a literatura do pertencimento foram reunidas sob a forma de ensaios no livro *A origem dos outros* (2017). Morrison faleceu em Nova Iorque, em 5 de agosto de 2019, por complicações de uma pneumonia aos 88 anos de idade. Suas poderosas personagens mulheres e negras nos convidam a fazer profundas reflexões sobre questões raciais que serão sempre atuais.

A ficção e os ensaios de crítica literária de Morrison são importantes fontes para fomentar um estudo interseccional sobre a condição da mulher negra, representada no texto literário. Seu extenso conhecimento sobre autores e obras do dito cânone nacional estadunidense, despertaram seu interesse em escrever ensaios sobre a presença afro-estadunidense na literatura e as maneiras como essa presença foi construída por grandes escritores brancos, analisando como essa representação contribuiu para reforçar uma ideologia de branquitude.

Em seu artigo *Unspeakable things Unspoken* (1988)¹¹ Morrison faz uma crítica ao cânone nacional que segundo ela preserva os pensamentos e análises estratégicos do homem branco. A partir dessa constatação ela se propõe a *dizer o indizível* através de discussões sobre literatura, raça e inclusão no cânone, de narrativas genuinamente produzidas por afro-estadunidenses, cujas vozes foram silenciadas durante centenas de anos de historiografia e crítica literária. A autora argumenta sobre o cânone como instituição de poder e legitimidade em construir a noção do que é literatura, passando uma imagem político-ideológica de que essa visão é imutável, natural e inocente.

¹¹ O título original e o ano de publicação foram mantidos apenas na primeira e segunda menções. Todas as outras menções a esse texto levarão em consideração a tradução para o português de 2020, “Coisas Indizíveis Não Ditas”, parte do livro “A Fonte da Autoestima” de Toni Morrison.

No entanto, Morrison propõe a quebra desse silenciamento e destaca o papel de gerações de estudiosos que se debruçaram em investigações sobre representação e imagens de controle presentes na literatura colonial francesa e inglesa, nas *Slave Narratives*, e no delineamento da tradição literária afro-estadunidense. Sobre essa presença Morrison afirma:

Agora que se descobriu que a presença artística afro-americana de fato existe, agora que a pesquisa acadêmica séria deixou de silenciar as testemunhas e apagar seu lugar significativo e sua contribuição à cultura americana, já não é aceitável apenas fabular a nossa presença - ou fabulá-la por nós. Sempre estivemos fabulando a nós mesmos [...] Somos os sujeitos da nossa própria narrativa, testemunhas e participantes em nossa própria experiência e, não por acaso, na experiência daqueles com quem entramos em contato. Não somos o “outro”. Somos escolhas (MORRISON, 2020, p. 225).

Nesse sentido, para Morrison, a importância de ler uma literatura produzida para e por negros é saber examinar o mais profundo da subjetividade e experiência vivenciadas por eles mesmos.

Morrison conclui o artigo fazendo uma análise sobre o impacto da cultura afro-estadunidense na literatura contemporânea. Salienta a importância de uma literatura de autoria negra e se questiona sobre o que é necessário para produzi-la. Utilizando as primeiras sentenças que iniciam seus romances, a autora empreende seus esforços em demonstrar como ela usa a linguagem para construir um universo cultural específico do que é ser negro nos Estados Unidos.

A respeito dessa auto-representação, bell hooks (2019) afirma que teorizar a experiência de ser negra nos Estados Unidos é uma tarefa difícil. Segundo hooks as pessoas negras são socializadas dentro de sistemas educacionais supremacistas brancos e por uma mídia de massa racista, acreditando que suas vidas não são complexas e nem dignas de reflexões e análises sofisticadas. Sobre o papel de pensadores negros críticos, hooks questiona que um dos grandes desafios dessa auto-representação

tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (HOOKS, 2019, p. 32-33).

A partir desse questionamento que as artistas e intelectuais negras insurgentes, como Toni Morrison são desafiadas a repensar suas práticas, buscando novas formas de escrever e falar sobre raça e representação, trabalhando para transformar a imagem.

Outra importante publicação de Toni Morrison no campo da crítica literária, é o livro *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination* (1993). No livro a autora analisa com mais profundidade as questões levantadas no artigo *Coisas indizíveis não ditas: a presença afro-americana na literatura americana* (2020). Ao analisar obras de importantes autores do cânone nacional como Edgar Allan Poe, Herman Melville, Willa Cather e Ernest Hemingway, a autora levanta uma discussão sobre a presença “africana” na ficção produzida por esses escritores brancos e o impacto que tiveram para manutenção de uma ideologia hegemônica de branquitude em oposição à negritude.

No ensaio *Black Matters*, parte do livro *Playing in The Dark* (1992, p. 16) a autora analisa como a literatura produzida por esses escritores é organizada para criar uma imagem do outro, sempre em posição antagônica à própria imagem hegemônica da branquitude. Morrison investiga os sinais, códigos e estratégias literárias utilizadas por esses escritores para construir essa relação. Ela afirma que a presença de personagens negros nas obras do cânone é apenas decorativa, concluindo que narrativas com essas personagens, seu modo de falar e agir, jamais poderia ser sobre outra coisa senão servir como pano de fundo para um mundo branco “normal”.

Em sua última publicação em vida, o livro de ensaios *A origem dos outros* (2019), Morrison busca respostas para questões históricas, políticas e literárias sobre racismo e identidade. Através do conceito de “outremização”, cujas raízes conceituais remontam ao processo de colonização, onde o Outro (colonizador), estabelece e cria o outro (colonizado) ao inferiorizá-lo e considerá-lo “diferente”. Com esse conceito Morrison mostra que a literatura pode ser um poderoso instrumento de combate aos exemplos de racismo cotidiano tão presentes no cânone da literatura estadunidense. Em um dos ensaios do livro, *Romantizando a escravidão*, (2017, p. 24) ela aponta que “a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle.” Sobre a relação de outremização, ela afirma que:

Um dos objetivos do racismo científico é identificar um forasteiro de modo a definir a si mesmo. Outra possibilidade é a manutenção (ou mesmo o gozo) da própria diferença sem desprezo pela diferença categorizada do Outremizado. A literatura é especialmente e evidentemente reveladora ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual ela é adquirida (MORRISON, 2017, p. 27).

No trecho fica evidente como as relações raciais e identitárias são construídas a partir da diferença, e que a literatura está cheia de exemplos e construções que reafirmam essas diferenças.

A respeito de construções que reafirmam essas diferenças, bell hooks (2019) salienta que existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco na sociedade estadunidense e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. Sobre a manutenção desse sistema de opressão nos Estados Unidos, hooks pontua:

Muito antes da supremacia branca chegar ao litoral do que hoje chamamos Estados Unidos, eles construíram imagens da negritude e de pessoas negras que sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar. Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial (HOOKS, 2019, p. 33).

No excerto extraído do livro *Olhares Negros: Raça e Representação* (2019) evidencia o quanto o controle da imagem é fundamental para a manutenção da supremacia branca no papel de dominação.

O conflito ocasionado pelas relações de dominação entre branquitude e negritude servem de pano de fundo para a obra ficcional produzida por Morrison. Profundamente enraizados na história e mitologia negras, suas obras misturam prazer e dor, maravilhas e horrores. Existe algo primitivo em suas personagens. Em seus livros, a sensualidade combinada com drama, dão vida a suas histórias. Sobre a escrita de Toni Morrison, a crítica Barbara Christian nos diz:

Seus romances ilustram o crescimento de um tema à medida que ele passa por muitas transformações, da mesma forma que um bom músico de jazz encontra as melodias escondidas dentro de uma frase. [...] Suas heroínas possuem duas faces olhando para fora e procurando por dentro, tentando encontrar alguma continuidade entre as estações, a terra, outras pessoas, os ciclos da vida e eles mesmos. Seus romances são ricos não apenas em caracterizações, mas também em signos, símbolos e presságios enviados pela natureza (CHRISTIAN, 1985, p. 25).¹²

Em seus trabalhos, Toni Morrison utiliza a experiência de ser mulher e negra nos Estados Unidos como matéria. Colocados em uma ordem cronológica, seus principais romances nos dão um panorama dos momentos chave da história estadunidense. *O olho mais*

¹² Tradução do original: “Her novels illustrate the growth of theme as it goes through many transformations, in much the way a good jazz musician finds the hidden melodies within a phrase. [...] Her heroines are double-faced - looking outward and searching inward, trying to find some continuity between the seasons, the earth, other people, the cycles of life and themselves. Her novels are rich not only with characterizations, but also with signs, symbols, omens sent by nature” (CHRISTIAN, 1985, p. 25).

azul (1970) resume a vida em uma cidade pequena no período pós-depressão, décadas de 30 e 40 do século XX.

A ficção produzida por mulheres negras no início dos anos 1970 representa, de acordo com Christian (1985), uma fase em que a própria comunidade negra se torna uma grande ameaça à sobrevivência e empoderamento das mulheres, que devem lutar contra as definições de gênero. A linguagem dessa ficção torna-se, portanto, uma linguagem de protesto, pois as escritoras afro-estadunidenses retratam a vitimização de suas protagonistas. Sexismo, violência sexual e opressões de raça, classe e gênero passam a ser expostos dentro de suas próprias comunidades.

O olho mais azul (2019) conta a história de Pecola Breedlove, uma garota afro-estadunidense oriunda de uma família pobre e disfuncional que possui onze anos de idade quando tem início às ações narradas no livro. O cenário onde transcorre a história é a própria cidade natal de Morrison, Lorain, e as ações se passam entre os anos de 1940-1941. Durante esse período, Pecola passa por uma série de situações que a desumanizam, tais como “bullying” na escola, desprezo por parte de sua comunidade, rejeição materna, estupro cometido por seu pai e manipulação por uma espécie de “curandeiro”. A principal voz narrativa do texto é de uma amiga de escola de Pecola, Claudia McTeer, cuja voz alterna entre a perspectiva adulta e infantil na análise dos fatos.

A temática levantada pela autora no livro é o racismo vivenciado em uma cultura racista engendrada pela auto-aversão racial. O romance aponta as causas/consequências devastadoras do racismo, o quanto a categorização, discriminação e padronização são armas utilizadas pela branquitude e pela própria raça como forma de opressão. Sobre suas escolhas temáticas, Morrison afirma no posfácio do livro:

Concentrei-me, então, em como algo tão grotesco quanto a demonização de uma raça inteira podia criar raízes dentro do membro mais delicado da sociedade: uma criança; do membro mais vulnerável: uma mulher. Ao tentar dramatizar a devastação que o desprezo racial, mesmo casual, pode causar, escolhi uma situação única, não uma situação representativa (MORRISON, 2019, p. 210).

Ao descrever o caso de extrema vulnerabilidade social e doméstica de Pecola Breedlove, Morrison tenta nos mostrar o quanto essas situações são devastadoras na vida de uma criança negra a ponto de destruí-la.

O olho mais azul surpreende o leitor com seu objetivo certo, bem como sua experimentação, pois Toni Morrison encontra a linguagem para descrever o trauma psíquico experimentado por tantas garotas negras crescendo em uma cultura onde olhos azuis e cabelos

loiros são o padrão de beleza. A beleza buscada no livro não é apenas a posse de olhos azuis, mas a harmonia que eles simbolizam. A busca de Pecola pelos olhos azuis termina em loucura visível porque ela não transfere a própria coisa física para um objetivo simbólico, ou seja, seus olhos azuis se concretizam apenas na sua loucura. Assim como Pecola, muitos também buscam sua versão do olho mais azul, em uma clara e desesperada tentativa de fuga das múltiplas opressões que recaem sobre aqueles que não se enquadram nos padrões impostos pela supremacia branca.

4 UMA LEITURA DAS MÚLTIPLAS OPRESSÕES NO ROMANCE O OLHO MAIS AZUL

“Para alguns de nós, a opressão é tão tipicamente americana quanto uma torta de maçã, e, para sobreviver sempre tivemos de estar vigilantes, de nos familiarizar com a linguagem e os modos do opressor, até mesmo adotando-os em certos momentos em nome de alguma ilusão de proteção”.

(Audre Lorde)¹³

Toni Morrison publicou *O olho mais azul*, em 1970. Primeiro um conto, produzido em uma oficina de escrita na Universidade de Howard anos antes, foi reescrito e reelaborado até se tornar seu primeiro romance. Racismo, colorismo, violência doméstica e estupro são alguns dos temas abordados no livro. Polêmico para a sociedade conservadora da época, o livro chegou a ser banido em diferentes escolas estadunidenses. São múltiplas as opressões pelas quais as personagens são atravessadas, por meio de situações criadas por Toni Morrison neste romance. Ou seja, ela desenha um retrato vívido da sociedade estadunidense na década de 1940, época de segregação racial e ausência de direitos civis.

Morrison narra o presente de Pecola Breedlove e das irmãs Claudia e Frieda McTeer intercalado com o passado de outros personagens. Além disso, expõe as dolorosas raízes que avançam até o presente. É um ciclo que se repete: a infância de crianças negras marcadas por

¹³ Citação extraída do artigo “Idade, Raça, Classe e Sexo: As Mulheres Negras Redefinem a Diferença”, parte do livro de ensaios “Irmã Outsider” (LORDE, 2019, pp.141-142).

toda uma sorte de violências, abandonos, refletindo na maneira como estas lidarão com suas vidas adultas.

Além das três meninas, outras personagens negras e femininas são o ponto forte da narrativa, como Pauline Breedlove, mãe de Pecola, Maureen Peal, uma menina de pele mais clara que entra para a escola onde estudam Pecola, Claudia e Frieda, e também Geraldine, uma senhora de pele mais clara que repudia qualquer traço de negritude.

Segundo Collins (2019), a grande maioria das mulheres afro-estadunidenses descendem de mulheres trazidas aos Estados Unidos para trabalhar como escravizadas em uma situação de opressão. Nas palavras da socióloga,

A opressão é um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade. Raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outras, constituem as principais formas de opressão nos Estados Unidos (COLLINS, 2019, p. 33).

A intersecção das opressões de raça, classe e gênero e outras categorias, característica da escravidão nos Estados Unidos, configurou todas as relações subsequentes que as mulheres de ascendência africana vivenciaram nas famílias e comunidades negras do país, em suas relações trabalhistas e umas com as outras. Nesse sentido, o livro *O olho mais azul* se torna uma referência para o estudo das opressões nessa sociedade.

Christian (1985) afirma que nos Estados Unidos, a mulher africana escravizada tornou-se a base da definição do “Outro” na sociedade. Manter as imagens das mulheres negras estadunidenses como o “Outro”, justifica ideologicamente a opressão de raça, gênero e classe.

Kilomba (2019) assinala que mulheres negras têm sido incluídas em diversos discursos que não dão conta de interpretar sua própria realidade. Nos debates sobre racismo, o sujeito é o homem negro. No discurso de gênero, o sujeito é a mulher branca. E no discurso de classe, a raça nem ocupa lugar. Nesse sentido, ela afirma que a mulher negra ocupa um lugar muito crítico dentro da teoria. A realidade da mulher negra, no entanto, é um fenômeno híbrido que atravessa várias concepções de raça, gênero, classe e outras categorias.

O entrecruzamento entre essas categorias é fundamental para entendermos a opressão na narrativa. Raça e classe, raça e gênero devem ser entendidos de maneira indissociáveis. Como afirma Grada Kilomba:

A raça não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da raça. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção da raça e na experiência do racismo. O mito da mulher negra disponível, o homem negro infantilizado, a mulher mulçumana oprimida, o homem mulçumano agressivo, bem como o mito da mulher branca emancipada ou do homem branco liberal são exemplos de como as construções de gênero e de raça interagem (KILOMBA, 2019, p. 34).

Ao analisarmos essa interação, é difícil determinar em detalhes o impacto específico tanto da raça quanto do gênero, porque ambos estão sempre entrelaçados. Embora exista uma intersecção complexa entre raça e gênero, pode-se concluir que muitas, se não a maioria, das experiências pessoais com o racismo, são também, formas de opressão de gênero.

As intersecções das formas de opressão não podem ser vistas como uma simples sobreposição de camadas, mas sim como a produção de efeitos específicos. As formas de opressão não operam em singularidade, elas se entrecruzam. O racismo não funciona como uma ideologia e estrutura distintas. Ele interage com outras ideologias e estruturas de dominação como o sexismo. Nas palavras de Grada Kilomba,

o impacto simultâneo da opressão racial e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas. Suas manifestações se sobrepõe a algumas formas de sexismo contra mulheres brancas e racismo contra homens negros. Portanto é útil falar em racismo genderizado para se referir à opressão racial sofrida por mulheres negras como estruturada por percepções racistas de papéis de gênero. (KILOMBA, 2019, p. 99)

Na passagem, o conceito de racismo genderizado serve como uma ferramenta de análise utilizada na tentativa de explicar que, na maioria dos casos, a opressão racial é acompanhada por percepções racistas dos papéis de gênero,

Em *O olho mais azul* o impacto simultâneo dessas formas de opressão racial, de gênero e de classe são transformados em linguagem por Toni Morrison a fim de descrever o trauma físico experienciado por garotas negras que crescem em comunidades onde a cultura dos olhos azuis e cabelos loiros são tidos como os únicos padrões de beleza.

4.1 A beleza que oprime

“Eu sou bonita! E vocês são feias! Pretas e feias, pretas retintas. Eu sou bonita!”

(Toni Morrison)¹⁴

¹⁴ Citação extraída do livro *O olho mais azul*. (MORRISON, 2019, p. 77)

Em *O olho mais azul* (2019), Pecola Breedlove, é uma garotinha negra com o sonho de ter os mais belos e azuis olhos que já vira. Os olhos de Shirley Temple¹⁵, das garotas-propaganda de embalagens de doces *Mary Jane*¹⁶, das bonecas da moda. Talvez com os olhos azuis ela não se sentisse tão feia e seus pais não brigariam tanto: “Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos” (MORRISON, 2019, p. 50) . A vida escolar seria mais fácil, sem a perseguição dos seus colegas, recebendo mais atenção dos professores. Esse olho mais azul seria a única saída para uma existência condenada à exclusão. Pecola desejava religiosamente olhos azuis como é descrito no trecho:

Toda noite, sem falta, ela rezava para ter olhos azuis. Fazia um ano que rezava fervorosamente. Embora um tanto desanimada, não tinha perdido a esperança. Levaria muito tempo para que uma coisa maravilhosa como aquela acontecesse. Lançada dessa maneira na convicção de que só um milagre poderia socorrê-la, ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas (MORRISON, 2019, p. 50).

Como fica evidente, com os olhos azuis, Pecola não se sentiria apenas bonita. Esses olhos trariam para ela toda harmonia, aceitação e respeito para uma vida fadada à exclusão, humilhação e invisibilidade. É importante salientar, que Pecola deseja apenas os olhos azuis, e não ser branca. A cor azul, em sentido metafórico, simboliza tranquilidade, serenidade, harmonia, evidenciando que, mais do que a beleza perseguida, era o que ela queria para sua vida.

Além dos olhos azuis, a narrativa possui vários símbolos, que funcionam como mensagens implícitas de superioridade da branquitude como padrão de beleza. A história tem início com uma referência a *Dick e Jane* - personagens de uma cartilha amplamente difundida nas escolas infantis estadunidenses - cuja imagem de uma família branca era utilizada como pano de fundo para a alfabetização das crianças (inclusive das crianças negras), pelo menos até 1970.

Provavelmente Pecola, por ser uma criança que frequentava a escola, tenha sido introduzida ao universo da leitura em meio a essas imagens. Por isso ela almeja tanto a

¹⁵ Shirley Temple (1928-2014) foi uma atriz, dançarina e cantora norte-americana. Apareceu em muitos filmes dos anos 1930, cantando e fazendo rotinas de sapateado e, às vezes, em parceria com o performer afro-americano Bill “Bojangles”, nome artístico de Bill Robinson (1878-1949). Robinson foi muito criticado por sua aparente aceitação tácita dos estereótipos raciais da época, com alguns críticos chamando-o de Uncle Tom. Ele se ressentia fortemente com isso, e seus biógrafos sugeriram que os críticos estavam subestimando as dificuldades enfrentadas pelos artistas negros no engajamento com a cultura branca dominante na época, e ignorando seus muitos esforços para superar o preconceito racial.

¹⁶ Doces cuja embalagens estampavam a figura da personagem Mary Jane: branca, bela, amável e de olhos azuis.

harmonia que olhos azuis trariam para ela, a harmonia da vida familiar que ela aprendera nas cartilhas *Dick e Jane* como ideal do que seja uma vida feliz. Uma família branca estruturada, bonita e feliz.

Outro sinal, é a boneca branca de olhos azuis que a narradora Claudia ganha (e a destrói), que além do padrão de beleza, simboliza o ideal de maternidade e família da branquitude. Assim como a atriz Shirley Temple - estampada na caneca preferida onde Pecola bebe leite - representa o ideal de criança loira de olhos azuis das cartilhas *Dick e Jane*, e à menina que Pauline Breedlove cuida na casa dos Fisher, dando mais assistência do que a própria filha Pecola.

Os tons de pele mais claros de algumas personagens como Maureen Peal e Geraldine reforçam essas imagens de superioridade racial. Maureen era preferida por todos e Geraldine que mascara sua condição de negritude, por odiar a própria raça. Fazendo esse movimento identificamos a habilidade Morrison em abordar as nuances do colorismo¹⁷ como força significativa dentro da trama.

Algumas escolhas linguísticas são utilizadas no texto para estabelecer relações entre a branquitude e negritude. A metáfora da “beleza”, “limpeza”, “riqueza”, “claridade”, “silêncio”, sempre relacionada com a branquitude, e a “feiura”, “sujeira”, “pobreza”, “escuridão”, “barulho” estabelecendo uma relação com a negritude. Ao utilizar essas palavras em sentido oposto para relacionar a relação entre branquitude e negritude, Morrison cria o cenário ideal para contar a história por meio das imagens que a associação entre essas palavras constroem.

As imagens de controle dominantes sobre qual o estereótipo de beleza deve ser seguido, exercem em Pecola Breedlove um fascínio. Inserida no universo das imagens que associam a branquitude a tudo o que é bom, feliz e belo, Pecola se torna vítima dessas imagens. Nas palavras de Collins (2019) essas imagens são traçadas para fazer com que o racismo, o sexismo, a pobreza e outras formas de injustiça social pareçam naturais, normais e inevitáveis na vida cotidiana.

Ao analisar o papel devastador do racismo por meio de episódios cotidianos vivenciados por pessoas negras, Kilomba (2019) questiona sobre o que é ser diferente, e afirma que a diferença é construída através de um processo de discriminação em relação ao outro (sujeito branco) e dialoga com Collins (2019), quando esta afirma que, no pensamento

¹⁷ Conceito trazido por Alice Walker no ensaio “Se o presente se parece com o passado, como será que o futuro se parece?”, ensaio encontrado no livro “Em busca do jardim de nossas mães” (WALKER, 2021, pp. 259-277). Consiste no tratamento diferenciado dado às pessoas de acordo com os diferentes tons de pele. Pessoas de pele mais escura, retinta, tendem a ser mais depreciadas.

binário que sustenta as opressões interseccionais, as loiras, magras e de olhos azuis não poderiam ser consideradas sem o “outro” - as mulheres negras com características tipicamente africanas: pele escura, nariz largo, lábios carnudos e cabelo crespo.

Esse processo é o que Morrison (2017) chama de outremização. Ao ser outremizada, Pecola e outras personagens da narrativa como Pauline, absorvem todas essas imagens da branquitude. Cor da pele, características faciais e a textura do cabelo exemplificam especificamente como as imagens de controle depreciam as mulheres negras outremizando-as, fazendo com que raça, gênero e sexualidade se convertam na questão valorativa do que é beleza. Algumas personagens femininas da história, ao serem outremizadas ou por medo de chegarem a ser, aprenderam a odiar a negritude de seus próprios corpos.

Uma delas é a moradora de Lorain, Geraldine. Por ter a pele mais clara, ensina ao seu filho, Louis Junior, a diferença entre mulatos e negros, afirmando que a negritude é algo negativo e depreciativo. Ela usa as palavras ‘limpo’ e ‘sujo’ para se referir a pessoas de pele mais clara e escura, respectivamente, demonstrando todo o desprezo que ela sente pelas pessoas de pele mais escura. Os indícios desse comportamento estão presentes no seguinte trecho:

A mãe não gostava que ele brincasse com pretinhos. Ela lhe havia explicado a diferença entre mulatos e pretos. Era fácil indentificá-los. Os mulatos eram limpos e silenciosos; os pretos eram sujos e barulhentos. Ele pertencia ao primeiro grupo: usava camisas brancas e calças azuis; cortava o cabelo mais rente possível para evitar qualquer sugestão de carapinha e a risca era desenhada pelo barbeiro. No inverno a mãe passava loção Jergens no rosto dele para que a pele não ficasse cinzenta. A linha entre mulato e preto nem sempre era nítida; sinais sutis e reveladores ameaçavam erodi-la e era preciso estar constantemente atento. (MORRISON, 2019, p.89-90).

Para ela, a beleza é associada com limpeza, organização, ordem, o que é refletido pela extrema organização de sua casa e da maneira como ela e seu filho devem se comportar. O uso de um produto para clareamento citado, nos dá indícios sobre o seu desejo de embranquecer.

A historiadora e teórica brasileira do feminismo negro Giovana Xavier, em seu livro intitulado *História Social da Beleza Negra* (2019), faz uma pesquisa aprofundada e explora o surgimento de uma indústria cosmética voltada para a mulher negra nos Estados Unidos na virada do século XIX ao XX, período de normatização agressiva da brancura como padrão de beleza universal, de popularização da eugenia e de difusão de valores associados à ideia de supremacia branca.

Foi uma época infame, do sistema Jim Crow de segregação racial, da usurpação do direito ao voto da população negra, dos linchamentos. Nesse contexto, proliferam produtos para clareamento da pele, para alisar cabelo, para ter “boa compleição” ou “melhorar a aparência”. Como afirma Giovana Xavier,

O ideal mulato era simultaneamente alimentado pelo racismo branco e pelo colorismo negro. Usado por afro-americanos para construir relações internas de classe, a significação da pele clara como símbolo de beleza, inteligência e modernidade [...] As representações das mulheres Black eram incongruentes com o projeto de feminilidade negra que a pigmentocracia disseminava (XAVIER, 2019, p. 57).

Outro indício do desprezo que Geraldine sente pela própria raça, ocorre quando ela encontra Pecola em sua casa. Na passagem, o narrador descreve as impressões de Geraldine sobre Pecola:

[Geraldine] Olhou para Pecola [...] A vida toda tinha visto aquela menina [...] Elas estavam por todo lado [...] Cabelo despenteado, vestidos rasgados, sapatos desamarrados empastados de sujeira... Nos lugares onde elas moravam não crescia grama, As flores morriam. Abatiam-se sombras. Floresciam latas e pneus onde elas moravam. Viviam de feijão-fradinho frio e refrigerante de laranja. Como moscas, elas esvoaçavam; como moscas, pousavam. E esta pousara em sua casa [...] ‘Fora’, disse, em voz baixa. ‘Sua negrinha ordinária. Fora da minha casa’ (MORRISON, 2019, p. 95).

Nesse encontro, as impressões de Geraldine sobre Pecola, a remetem a ela própria e de tudo o que ela sempre combateu. Escapar das aparências da feiura e da sujeira que eram associadas às pessoas de pele mais escura. Difícil julgá-la, pois esse desejo surge como uma maneira de evitar a situações de perigo e desumanização que uma pele mais escura traria a sua família e a si mesma. Por isso, é importante salientar o quanto a auto-aversão racial está presente no comportamento dessa personagem.

Outra personagem que é confrontada com o significado dos padrões de beleza vigentes é Pauline Breedlove. Possuía um defeito no pé, que a perseguiu durante toda sua vida, e ao qual atribuía a sensação de isolamento, solidão e desmerecimento. Mas foi o mesmo pé defeituoso, que chamou a atenção de Cholly Breedlove quando se conheceram e se apaixonaram perdidamente. A partir daí sentiu que seu pé defeituoso era uma qualidade.

Ao descobrir sua primeira gravidez, Pauline se sente solitária e procura no cinema uma forma de reavivar seus sonhos antigos. Ela absorve do cinema o ideal de beleza hegemônico e o confronta com a sua própria aparência, como nos é narrado na seguinte passagem:

Lá, no escuro, sua memória se reavivou e ela sucumbiu aos sonhos antigos. Além da ideia de amor romântico, foi apresentada a outra - à da beleza física. Provavelmente as ideias mais destrutivas da história do pensamento humano. Ambas se originavam da inveja, prosperavam com a insegurança e acabavam em desilusão. Ao igualar beleza física com virtude, ela despiu a mente, restringiu-a e foi acumulando desprezo por si mesma (MORRISON, 2019, p. 123).

Como nos informa o narrador, depois da educação que Pauline Breedlove recebera do cinema, ela nunca mais foi capaz de olhar para um rosto sem classificá-lo de alguma forma na escala de beleza hegemônica. Inclusive seus próprios filhos: “Mas eu sabia que ela era feia. A cabeça coberta de um cabelo bonito, mas, meu Deus, como ela era feia.” (MORRISON, 2019, p. 137).

No cinema, ela é especialmente vulnerável às mensagens transmitidas pela indústria cultural branca – que o padrão de beleza branco é o caminho para a felicidade. Certa vez, no cinema, ela arruma o seu cabelo para ficar parecida com a atriz *Jean Harlow*¹⁸ e perde o dente enquanto come um doce, como ela mesma relembra em suas memórias:

Lembro que uma vez fui ver o Clark Gable e a Jean Harlow. Penteei o cabelo como o dela, como eu tinha visto numa revista. Uma risca do lado, com um cachinho na testa. Ficou igualzinho ao dela. Bom, quase igualzinho. Sentei naquele cinema, com o cabelo penteado daquele jeito, e gostei muito. Resolvi ver o filme até o fim de novo e levantei pra ir comprar um doce. Voltei pro meu lugar, dei uma grande mordida no doce e ele me arrancou um dente. Tive vontade de gritar. Os meus dentes eram bons, eu não tinha nenhum dente estragado na boca. Não dava pra acreditar. Eu, grávida de cinco meses, tentando ficar parecida com a Jean Harlow, e sem um dente da frente. Depois disso foi tudo por água abaixo (MORRISON, 2019, p. 124).

Apesar de sua fantasia de ser como *Jean Harlow* seja um fracasso, Pauline encontra outro mundo de fantasia - a casa branca dos Fisher, pela qual ela se importa. Esse mundo de fantasia é mais prático do que sua imitação das atrizes de *Hollywood* e é mais aceitável socialmente do que a loucura do mundo de fantasia de sua filha, mas é igualmente eficaz em separá-la das pessoas – sua família – que ela deveria amar. Em certo sentido, a existência de Pauline é tão assombrada e delirante quanto a de sua filha.

Ao expor essas personagens em confronto com imagens da branquitude como padrão valorativo de beleza, Morrison traça um retrato mais complicado do racismo. Pecola experimenta uma opressão mais direta e rotineira que se processa por meio de um conjunto de valores internalizados que cria seu próprio ciclo de vitimização dentro da sua família e de

¹⁸ Jean Harlow (1911 - 1937) foi uma atriz estadunidense e sex symbol da década de 1930.

alguns membros de sua comunidade, que como ela, aceitam os padrões de beleza impostos pela branquitude.

Outro ponto importante a ser destacado na trama é o colorismo. Ele também funciona como uma ponte para a depreciação racial da pele mais negra. Essa divisão das pessoas afro-estadunidenses em duas categorias, “mais claros” e “negros inferiores” (COLLINS, 2019, p. 169) afeta diferentemente as mulheres de pele escura e de pele clara. As mulheres mais escuras sofrem o julgamento e são inferiorizadas, ao contrário das mulheres de pele mais clara. Instituições e padrões controlados pela branquitude demonstram evidente preferência por negros de pele mais clara, discriminando os mais escuros ou qualquer pessoa afro-estadunidense que pareça rejeitar referências brancas de beleza. Geraldine expressa bem essa diferença entre mulatos e negros, que em sua palavras são inferiores, sujos, barulhentos.

Outra personagem chave para entendermos essa ideia de beleza associada ao tom mais claro da pele é Maureen Peal. A chegada dela à escola, causa euforia: “Uma criança de sonho, mulata claríssima, de cabelo castanho comprido, preso em duas tranças que pendiam como cordas de linchamento em suas costas” (MORRISON, 2019, p. 66). Por ter a pele mais clara e possuir todos os benefícios que essa condição física lhe proporciona, Maureen Peal funciona como um contraponto para refletirmos sobre quais são os padrões de beleza hegemônicos absorvidos por pessoas negras de pele mais clara. Maureen aceita a suposição de que possui uma beleza superior por ser mais clara e aproveita dessa condição para agir com requintes de crueldade em relação à Claudia, Pecola e Frieda: “Eu sou bonita! E vocês são feias! Pretas e feias, pretas retintas. Eu sou bonita!” (MORRISON, 2019, p. 77).

Ao explorar esse tema em seu romance, Morrison acrescenta a tensão que pode existir entre mulheres negras com diferentes tons de pele, do mais claro ao mais escuro, quando confrontadas com o significado dos padrões de beleza vigentes. A pele mais clara é mais valorizada em detrimento da pele mais escura, associada a feiura e a imagens negativas, e contribui para reforçar a auto-aversão racial que Pecola, Pauline, Geraldine e Maureen possuem pela raça negra.

A questão da beleza ideal exerce tanto fascínio na trama, que alguns personagens negros, chegam a esquecer que também são negros, e agem como opressores ao absorver as ideias nefastas e destrutivas de beleza. É o que ocorre quando um grupo de meninos negros da escola cercam Pecola e a insultam, chamando-a de preta retinta. Ao presenciar essa dança macabra em volta de Pecola, a narradora Claudia nos diz:

Eles haviam improvisado um verso composto de dois insultos sobre questões acerca das quais a vítima não exercia controle: a cor de sua pele e especulações sobre os hábitos de sono de um adulto, loucamente encaixados em sua incoerência. O fato de também eles serem negros e de seus respectivos pais terem hábitos igualmente descontraídos era irrelevante. Era o desprezo que sentiam pela própria negritude que fez irromper o primeiro insulto. Pareciam ter tomado toda a sua ignorância calmamente cultivada, o ódio por si mesmos primorosamente aprendido, sua desesperança elaboradamente concebida, e absorvido tudo isso num cone causticante de desprezo que ardera durante anos nos meandros de suas mentes, esfriara e agora jorrava por lábios afrontosos, consumindo tudo que estivesse em seu caminho. (MORRISON, 2019, p. 69)

No trecho, fica evidente que a auto-aversão racial é tão forte, que gera o apagamento da percepção de sua própria negritude, por parte dos meninos, o que é revelado através da atitude que os transforma em opressores, demonstrando como a força que um padrão hegemônico de beleza alheio ao deles impacta em suas vidas.

Por fim, Pecola Breedlove, uma menina negra retinta de onze anos, em meio a todo esse contexto depreciativo da negritude, se julga ‘feia’, sem amor e internaliza as imagens negativas da negritude, acreditando que o fato de não ter olhos azuis é fundamental para sua ‘feiura’ e falta de harmonia em sua vida. Ela não consegue enxergar sua negritude como algo valorativo, positivo, rodeada dessas imagens negativas e depreciativas. Por isso, deseja ter olhos azuis, para escapar da dor de ser negra, mulher, criança e pobre.

4.2 A pobreza que oprime

“É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Precisamos refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras.”

(Angela Davis)¹⁹

Sexismo e racismo são sistemas de opressão que tem afetado sistematicamente o modo de vida das mulheres afro-estadunidenses. Desde que a intersecção entre sexo e raça começou

¹⁹ Citação extraída do livro *Mulheres, Raça e Classe* (2019), de Angela Davis.

a fazer parte da história dos Estados Unidos, não tem sido surpresa que narrativas publicadas por mulheres negras, reflitam essa perspectiva como afirma a teórica Barbara Christian (1985) em seu livro *Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers*.

Dado o impacto do racismo e do sexismo, as obras de mulheres negras têm sido estudadas pela crítica literária em termos de história e de expressão dessas mulheres negras. Contudo, Christian acredita que o conceito de classe é um dos principais fatores sobre o qual se baseia as normas sociais que ditam a maneira como uma mulher negra é vista. As mulheres foram relegadas a uma casta separada de raça, em virtude de seu sexo. Mas dentro dessa casta separada, a mulher negra, também é categorizada em termos de definição de classe.

O ideal dominante da figura feminina, dita as regras de como ela deve ser: branca, bonita, enfeitada, piedosa, casada, mãe e provedora de conforto para seu lar, marido e filhos. Essa senhora respeitável que agrega todas essas virtudes, constitui o ideal de mulher na sociedade branca de classe média, por isso não é apenas sexista e racista, mas também classista. Mulheres negras, pela natureza de sua raça, são consideradas de classes sociais menos favorecidas, portanto dificilmente se aproximam da norma.

Em *O olho mais azul*, as opressões não são apenas consequência do racismo, mas também consequência da pobreza. Portanto, o racismo não pode ser considerado sem a intersecção de uma outra categoria que o afeta diretamente: a classe. Na história, a classe social está diretamente relacionada à maneira como as personagens são vistas. As de pele mais escura, são pobres e as de pele mais clara, possuem uma situação econômica mais estável.

A história se passa nos anos 40, período pós-depressão e são visíveis as alusões a esse período histórico, como informa a narradora Claudia no seguinte trecho:

Sabíamos que ficar na rua era o verdadeiro terror da vida. A ameaça da rua surgia com frequência naquela época. Com ela cerceava-se toda possibilidade de excesso. Se alguém comia demais, podia acabar na rua. Se alguém usava carvão demais, podia acabar na rua. As pessoas podiam ficar na rua por causa do jogo ou da bebida (MORRISON, 2019, p. 21).

No trecho fica evidente as difíceis condições financeiras pelas quais a população negra passava, consequência de um período de recessão econômica, provavelmente oriundo não apenas da Grande Depressão, mas também da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Mais uma vez, recursos linguísticos são utilizados por Morrison, agora com o objetivo de demarcar classe dentro da narrativa. Aqui, a metáfora da feiura além da beleza, remete à pobreza. Os Breedlove desprezam a si mesmos, acreditando que são indignos, ao associarem

sua condição de extrema pobreza com a feiura. A associação de sua negritude à desolação, feiura e pobreza é simbolizada pelo local onde eles habitavam, como pode ser observado na seguinte passagem:

Os Breedlove não moravam na parte da frente de uma loja por estarem passando por dificuldades temporárias, adaptando-se aos cortes na fábrica. Moravam ali por serem pobres e negros, e ali permaneciam porque se achavam feios. Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva. Mas sua feiura era exclusiva. Ninguém teria conseguido convencê-los de que não eram implacavelmente e agressivamente feios. Com exceção do pai, Cholly, cuja feiura (resultado de desespero, dissipação e violência dirigida a ninharias e a pessoas fracas) era o comportamento, o resto da família - a sra. Breedlove, Sammy Breedlove e Pecola Breedlove - usavam a feiura, vestiam-a por assim dizer, embora ela não lhes pertencesse (MORRISON, 2019, p. 42).

Depois de descrever o local em que os Breedlove usam como sua casa, a voz narrativa esclarece que este espaço de convivência não representa uma situação habitacional temporária ou incomum. Os Breedlove são pobres, sendo a única possibilidade que ainda lhes resta de possuírem um teto. Sua situação demonstra como raça e aparência podem afetar a classe de uma pessoa.

Os Breedlove não podem mudar o fato de que são pobres e negros, mas sua feiura percebida, os faz sentir que não podem mudar seu status na sociedade. Apesar de sua miséria e sofrimento, eles simplesmente aceitam como vivem e nunca tomam medidas para mudar sua situação. Ao se vestirem com a roupa da feiura, aceitam a condição que os fragmenta enquanto uma família. Assim sendo, a feiura como metáfora de roupa, pode ser associada com uma “mortalha”, a roupa usada pelos mortos, simbolizando a roupa que eles usam ao “enterrar” todo senso de valor que possuíam de si mesmos.

A classe social também está bem demarcada na narrativa, por meio da personagem Pauline Breedlove. Ela corresponde, segundo Collins (2019), à primeira imagem de controle aplicada às mulheres negras estadunidenses: a *mammy*, serviçal fiel e obediente. De acordo com Collins, essa imagem é mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico em lares brancos. Pauline aceita sua subordinação, ao amar, alimentar e cuidar da casa de uma família branca, os Fisher, em detrimento do cuidado com sua própria família. Sobre a casa onde Pauline Breedlove trabalha, a narradora Claudia descreve:

Entramos na cozinha, um aposento grande, espaçoso. A pele da sra. Breedlove cintilava como tafetá nos reflexos de porcelana branca, madeira branca, armários envernizados e reluzentes peças de cobre. Aromas de carne, legumes e de algo recém-assado misturavam-se ao cheiro de naftalina (MORRISON, 2019, p. 109).

Em contraste com essa cozinha, Christian (1985) afirma que Pauline Breedlove odeia a feiúra de sua casa, sua filha, sua família, inclusive ela mesma, culpando sua sensação de inferioridade por ser negra e pobre. Em vez disso, ela aspira ao cobre polido e ao brilho da cozinha em que trabalha, onde tudo é extremamente limpo, ordenado, bonito e branco. Somente aceitando esse papel subordinado ela conseguia, como negra e pobre, enxergar um lugar positivo para si mesma.

Prosseguindo em suas análises, Collins argumenta que as trabalhadoras domésticas negras continuavam pobres porque eram trabalhadoras economicamente exploradas em uma economia política capitalista. Muitas famílias brancas, como os Fisher, mantiveram sua posição de classe porque usaram trabalhadoras domésticas negras como mão de obra barata, como o caso de Pauline. Collins conclui seu argumento afirmando que a imagem da *mammy* foi concebida com o objetivo de ocultar essa exploração econômica e social.

A família Breedlove paga um preço alto por essa exploração. Pauline, ao se deixar explorar por uma família branca, nega à sua própria família o benefício de um salário decente e o cuidado afetivo que ela poderia realizar em casa com seu marido e seus filhos. Essa ausência parental reflete na condição e situações grotescas e desumanizadoras às quais seus membros são submetidos.

Uma variedade de famílias negras, com diferentes tons de pele, em diferentes posições sociais, funcionam como marcadores de classe. A família de *Dick and Jane*, a família dos McTeer e a dos Breedlove, são apresentadas logo no início do livro nos dando os indícios da demarcação da diferença de classes. A família branca de *Dick and Jane*, supõe-se, possui uma posição economicamente estável de classe média, e funciona como uma imagem de padrão ideal de família: o pai trabalha, a mãe cuida do lar, os filhos são felizes, limpos e bem comportados, e até o cachorro e o gato são bem cuidados, limpos e comportados, como nos é apresentado nas primeiras páginas do livro e no início de alguns capítulos:

Esta é a casa. É verde e branca. Tem uma porta vermelha. É muito bonita. Esta é a família. A mãe, o pai, Dick e Jane moram na casa branca e verde. Eles são muito felizes. Veja a Jane. Ela está de vestido vermelho. Ela quer brincar. Quem vai brincar com Jane? Veja o gato. Está miando. Venha brincar. Venha brincar com a Jane. O gatinho não quer brincar. Veja a mãe. A mãe é muito boazinha. Mãe, quer brincar com a Jane? A mãe ri. Ria, mãe, ria. Veja o pai. Ele é grande e forte. Pai, quer brincar com a Jane? O pai está sorrindo. Sorria, pai, sorria. Veja o cachorro. Au-au, faz o cachorro. Quer brincar com a Jane? Veja o cachorro correr. Corra, cachorro, corra (MORRISON, 2019, p. 7).

Dick e Jane representam o ideal econômico de família de classe média capitalista. Branca, feliz, bonita, com uma casa, um carro, animais de estimação, um belo jardim. Como dito anteriormente, além da beleza, essas imagens também definem classe.

Tanto os McTeer quanto os Breedlove fazem parte da classe negra e explorada, mas é perceptível a posição economicamente mais estável dos McTeer em relação aos Breedlove. Embora os McTeer sejam negros e pobres, possuem uma estrutura familiar convencional, onde o pai trabalha e fornece algum abrigo, comida e roupas, para a sobrevivência da família. A casa em que habitavam não era uma loja abandonada, apesar da deterioração e de utilizarem jornais para taparem os buracos na parede, impedindo que o frio entrasse, como somos informados logo nas primeiras páginas da história. Esse senso de pertencimento a uma família é o que os diferenciam dos Breedlove. Mesmo pobres e negros, juntos, eles são mais fortes.

Por outro lado, a pobreza dos Breedlove, associadas ao alcoolismo e violência de Cholly Breedlove, a indiferença e total apatia de Pauline Breedlove em relação a si e a sua família, a feiura e negritude percebida de seus filhos, despoja-os de seu senso de valor humanos, deixando-os mais vulneráveis aos efeitos das opressões e à extrema pobreza.

Os membros da família Breedlove entram e saem, como clientes dessa loja onde habitam, sem nenhum senso de amor ou unidade familiar, como podemos perceber no seguinte trecho:

A população daquela área variava tanto que provavelmente ninguém se lembra de muito, muito tempo atrás, antes da época dos ciganos e dos adolescentes, quando os Breedlove moravam ali, aninhados na parte da frente da loja. Apodrecendo juntos no entulho conseguido da veneta de um corretor de imóveis. Eles entravam e saíam de mansinho daquela caixa de pintura cinza descascada, sem criar agitação no bairro (MORRISON, 2019, p. 38).

O fato de morarem em uma loja abandonada e decadente não reflete estabilidade. A decadência do lugar onde habitam representa também a decadência dos Breedlove como família.

Famílias como a de Maureen Peal e Geraldine, por serem mais claras e beneficiadas economicamente, politicamente e socialmente, dissociam-se dos negros de pele mais escura e mais pobres, e associam-se com o padrão dominante de branquitude. Fisicamente, Maureen se veste como uma garotinha europeu-americana, a do livro de histórias *Dick and Jane*, ou a atriz Shirley Temple, destacando a sua posição de classe superior, como descreve Claudia:

[Maureen] Era rica, pelo menos para os nossos padrões, tão rica quanto as mais ricas meninas brancas, envolta em conforto e cuidados. A qualidade das suas roupas

ameaçava nos deixar desvairadas, a mim e a Frieda. Sapatos de verniz com fivelas, de que só ganhávamos uma versão mais barata na Páscoa e que desintegrava no final de maio. Suéteres felpudos da cor de gotas de limão, enfiados para dentro de saias com pregas tão certinhas que nos deixavam perplexas. Meias três-quartos de cores vivas com bordas brancas, casaco de veludo marrom enfeitado com pele de coelho branca, e um regalo combinando (MORRISON, 2019, p. 66).

Embora sejamos apresentados a apenas um membro da família Peal, Maureen, sua aparência, padrões de comportamento e comentários sobre a natureza do “negócio” de sua família oferecem vislumbres suficientes de como os Peal refletem seus interesses de classe, como fica evidente no seguinte trecho:

“Eu tenho dinheiro”. Abriu o zíper de um bolso escondido no regalo e puxou a nota de um dólar bem dobradinha. [...] “Meu tio processou a Isaley’s em Akron. Disseram que ele era desordeiro e que por isso não iam servi-lo, mas um amigo dele, que é policial, foi lá e serviu de testemunha, e o processo foi em frente.” “O que é um processo?” “É quando você leva a melhor sobre eles, se você tem vontade, e ninguém pode impedir. Minha família faz isso o tempo todo. Nós acreditamos em processos.” (MORRISON, 2019, p. 72)

Socialmente, os padrões de comportamento de Maureen refletem a maneira como alguns dentro da classe dominante se relacionam com os pobres e negros de pele mais escura. Ela sente pena de Pecola quando é humilhada por garotos da escola, ela agrada Claudia falando com ela em uma ocasião depois de negligenciá-la em muitos outros. Economicamente, a família Peal parece ganhar dinheiro explorando a questão racial, advogando em causas de afro-estadunidenses que eram recusados em ser servidos em estabelecimentos por pessoas brancas. Pelo que consta, só quem se beneficia financeiramente com essa exploração é a própria família Peal.

Ao se diferenciarem das demais pelo tom mais claro da pele, a segunda família - Geraldine, Louis e Louis Junior - também refletem as aspirações da classe dominante. Quando Geraldine vê Pecola, parada na sala de sua casa, ela se lembra de tudo o que ela própria tentou escapar: à pobreza associada à pele mais escura, à aparência física, seus padrões de comportamento, seu estilo de vida e seus modos de falar.

Geraldine ilustra bem a auto-aversão racial associando a pobreza com o tom de pele mais escuro. Por ser mais clara, ela se julga de uma classe superior. Por isso precisa manter as aparências, o que a associa com o ideal dos opressores. Assim o narrador descreve a rotina de Geraldine em sua tentativa de transparecer pelas aparências, que pertence a uma classe superior:

Uma dessas garotas de Mobile, Meridian ou Aiken, que não transpirava nas axilas nem entre as coxas, que cheirava a madeira e a baunilha, que fazia suflês no departamento de economia doméstica, mudou-se com o marido, Louis, para Lorain, em Ohio. Chama-se Geraldine. Lá ela construiu o ninho, passou camisas, plantou corações-ardentes, brincou com o gato e teve Louis Júnior. Geraldine não permitia que o bebê, Júnior, chorasse. Enquanto as necessidades dele fossem físicas, ela podia atendê-las - conforto e saciedade. Ele estava sempre escovado, banhado, oleado e vestido. [...] Geraldine, Louis, Júnior e o gato moravam ao lado do pátio da escola [...] (MORRISON, 2019, p. 90).

O excerto mostra a preocupação de Geraldine com a aparência que ela queria mostrar dela e de sua família para a sociedade. Aparência que significava estar longe de qualquer associação com a negritude e a pobreza. Possuía um lar limpo, organizado, com um gato, e uma família feliz. Era uma mulher de respeito.

Geraldine é uma personagem que faz uma clara alusão a política da respeitabilidade, uma forma de discurso moralista usado por algumas figuras proeminentes, líderes ou acadêmicos, membros de vários grupos marginalizados, como os negros. Essa política consistia em promover a assimilação cultural da população perpetradora do preconceito, os brancos, visando alcançar os privilégios sociais deles. Ela faz parte dessa política como uma maneira de tentar conscientemente deixar de lado e minar as práticas culturais e morais desrespeitadas pela sociedade branca, especialmente no contexto da família, das vestimentas, da religião e das boas maneiras.

Evelyn Brooks Higginbotham (1993) responsável por cunhar o termo "política da respeitabilidade" usou-o para descrever mudanças sociais e políticas na comunidade negra durante esse período. Ela se concentrou particularmente na revitalização de denominações religiosas que se tornaram locais de auto-ajuda para indivíduos negros. Essas instituições foram responsáveis por construir escolas e prestar serviços de assistência social para aumentar sua respeitabilidade da população negra e promover suas comunidades.

Há claros indícios no texto que associam Geraldine à política da respeitabilidade. Seja por meio de suas ações em tentar escapar a qualquer aparência com os negros de pele mais escura, ou em ser uma pessoa religiosa. As impressões de Pecola ao adentrar sua casa, corroboram com essa ideia:

Havia uma grande Bíblia vermelha e dourada em cima da mesa de jantar. Por toda parte havia toalhinhas de renda - sobre os braços e o encosto das poltronas, no centro de uma grande mesa de jantar, sobre mesinhas. Nos parapeitos de todas as janelas havia vasos de plantas. Numa parede pendia uma imagem colorida de Jesus, com as mais bonitas flores de papel presas na moldura (MORRISON, 2019, p. 92).

A política da respeitabilidade, também afetou Pauline Breedlove. Após o nascimento dos filhos, voltou a trabalhar. Mais velha e sem tempo para sonhos nem filmes, pois como arrimo de família, possuía outros papéis a desempenhar. A igreja começa a ocupar espaço em sua vida, como nos é narrado:

[Pauline Breedlove] Assumiu a plena responsabilidade e o reconhecimento de sua condição como arrimo de família, e retornou à igreja. [...] Ingressou numa igreja onde gritos não eram vistos com bons olhos, passou a trabalhar como voluntária e tornou-se membro do Círculo das Senhoras nº 1. Nas reuniões para orar, gemia e suspirava por causa da conduta de Cholly e esperava que Deus a ajudasse a afastar as crianças dos pecados do pai. Começou a caprichar no jeito de falar. Deixou outro dente cair e ficava indignada com as senhoras maquiadas que só pensavam em roupas e homens. Considerando Cholly como um modelo de pecado e fracasso, carregava-o como uma coroa de espinhos, e os filhos como uma cruz (MORRISON, 2019, p. 127).

Nesse contexto, a religião como uma das vertentes da política de respeitabilidade para muitas mulheres negras, serve de esconderijo para Geraldine manter as aparências e refúgio para as amarguras da vida de Pauline Breedlove.

A terceira família, os Whitcomb, procedência genealógica do “curandeiro” Souphead Church, também mostra a relação da questão de classe com os tons de pele. Como informa o narrador, ele possuía uma ascendência mestiça:

Fora criado numa família que se orgulhava de suas realizações acadêmicas e de seu sangue mestiço - este alicerçando aquelas, acreditava a família. Um certo *Sir* Whitcomb, nobre britânico decadente, que decidiu desintegrar-se sob um sol mais reconfortante do que o da Inglaterra, introduzira o sangue branco na família no início do século XIX. Como era fidalgo por ordem do rei, agira de modo civilizado com seu bastardo mulato: dera-lhe trezentas libras esterlinas, para grande satisfação da mãe do bastardo, que achou que a fortuna havia lhe sorrido. O bastardo também se sentiu grato e passou a considerar como meta de vida a preservação da linhagem branca. [...] Os homens estudaram medicina, direito, teologia, e apareciam repetidamente nos cargos do governo destituídos de poder, acessíveis à população nativa. O fato de serem corruptos na vida pública e privada, de serem devassos e lascivos, era considerado seu direito de nobres e plenamente apreciado pela maioria da população menos dotada (MORRISON, 2019, p. 168-169).

Como fica evidente na passagem, os Whitcomb são tão obcecados com a aparência física dos europeus que eles comprometem sua estabilidade mental ao se casar para manter alguma aparência de branquitude. Os Whitcomb não apenas lutam pela branquitude da classe dominante, mas imitam a natureza exploradora dessa classe, ao serem corruptos nos cargos que ocupavam em alguma colônia britânica.

A caracterização de Morrison dessas três famílias demonstra seu senso, a respeito da consciência de classe. No entanto, mesmo que estas não sejam as principais famílias no

romance, indica que a análise racial deve ter a classe como um de seus parâmetros. Além disso, embora o papel que o padrão de classe dominante exerce a respeito das aspirações que essas famílias menos importantes possuem, há uma clara tentativa em demonstrar essas aspirações como se fossem intraraciais, ou seja, preconceitos baseados nos diferentes tons da pele negra ao invés de conflitos de classe. Na trama, a classe social é percebida por esses personagens, de acordo com o tom da pele. Os de pele mais escura, são pobres. Os de pele mais clara, ricos.

A luta pela sobrevivência dos Breedlove enfraquece a estrutura familiar ao aceitarem para si mesmos os padrões de classe a que estavam submetidos. Pecola Breedlove é a personagem mais pobre e vulnerável da história, portanto a que mais é desumanizada pela opressão de classe. Morrison tenta mostrar a relação causal entre raça e classe, e o quanto o sistema econômico capitalista dá origem à ideologia racista. Como afirma Christian (1985), *O olho mais azul*, no fundo, é sobre a contradição fomentada pelo racismo, sexismo e distinções de classe que atingem as personagens negras do livro, em especial as mulheres.

Apesar da mobilização pelo Marco dos Direitos Civis, os afro-estadunidenses continuam a experimentar a opressão de raça, gênero, classe e outras interseccionalidades. E ao analisarmos o papel que a classe social aliada à raça possui dentro da narrativa, constata-se que o capitalismo aliado ao racismo, se tornam um dos maiores inimigos das mulheres negras, pois o capitalismo é o responsável por difundir um ideal de vida baseado em raça, gênero e classe, e um padrão econômico que categoriza os sujeitos de acordo com o tom da pele. Nesse sentido, a colonialidade do poder organiza o seu sistema-mundo capitalista, consequentemente absorvidos pela comunidade negra.

4.3 A comunidade que oprime

“Quando enxergam a comunidade como responsável pela criação e atribuem a mães de criação e pessoas de fora do ambiente familiar o ‘direito’ de educar a criança, as afro-americanas que endossam esses valores questionam as relações de propriedade prevalecentes no capitalismo.”

(Patricia Hill Collins)

A comunidade exerce um papel de destaque nas relações estabelecidas entre as pessoas negras, em especial com as crianças. Como afirma Collins (2019) no confronto com a

opressão racial, a existência do cuidado comunitário das crianças e o respeito às mães de criação podem ter um papel fundamental nas comunidades afro-estadunidenses.

Em um primeiro olhar, *O olho mais azul* narra a história fatídica de Pecola Breedlove. Mas quando nos aprofundamos na leitura, o que impressiona, é que essa história não é apenas sobre essa personagem, e sim sobre suas relações de parentesco e sociais, as personagens das quais Pecola descende, seus pais, Pauline e Cholly, e da comunidade onde habita. Ao adentrarmos na essência dessas relações descobrimos que esse é o conflito central da narrativa.

Ao estabelecer essas relações, Morrison conta uma história sobre como essas personagens conduzem suas vidas de acordo com o sistema de valores de sua comunidade. Ela apresenta um mundo parecido com o de aldeias em que os laços de parentesco se entrelaçam em sonhos, nas lendas e no subconsciente das personagens. Nas palavras de Christian (1985) como em uma tradição ancestral africana, o lugar é tão importante quanto às ações humanas e contribui para a manutenção das tradições.

Em *O olho mais azul*, o cenário é orgânico e contribui para construção das imagens que as personagens projetam de si mesmas. Uma simples mudança nesse local, altera drasticamente os valores tradicionais que dão coerência à vida das personagens. É o que acontece na narrativa. A comunidade negra internaliza os valores da branquitude, subvertendo o seu próprio papel enquanto comunidade negra.

O período conhecido como a Grande Migração²⁰, do Sul para o Norte, ocorrida entre o início do século XX e a década de 70 do mesmo século nos Estados Unidos, teve grande impacto na vida dos afro-estadunidenses. A população negra não migrou apenas para as grandes cidades, mas também para pequenas cidades, como Lorain, Ohio, onde se passa a trama, e cidade natal de Morrison.

Nesse contexto, Cholly e Pauline Breedlove se casam e decidem migrar para o norte, onde Cholly afirma que as siderúrgicas estavam implorando por operários. Na seguinte passagem fica evidente esse processo de expansão demográfica :

Naquela cidade de Ohio, nova e em expansão, onde até as ruas laterais eram pavimentadas, que ficava a beira de um calmo lago azul, que se gabava de uma afinidade com Oberlin, a estação ferroviária subterrânea, a apenas 21 quilômetros,

²⁰ A Grande Migração — que ocorreu de 1916 a 1970 — foi um fenômeno em que 6 milhões de afro-americanos se mudaram do Sul para o Norte e para o Oeste. Ele eclipsou a corrida do ouro e a fuga do Dust Bowl (tempestade de areia histórica) em termos de movimento populacional nos EUA, de acordo com Allyson Hobbs, historiadora da Universidade de Stanford. Antes desse período, 90% dos negros americanos viviam no Sul e, depois, apenas 53%, diz ela.

naquele cadinho da orla dos Estados Unidos, de frente para o Canadá frio mas receptivo - o que poderia dar errado? (MORRISON, 2019, p. 118).

Assim que se estabelecem em Lorain, Cholly logo começa a trabalhar e Pauline se ocupa dos cuidados com a casa. A princípio, pareciam levar uma vida normal.

O prenúncio de que a comunidade de Lorain não será um bom local para estabelecimento dos Breedlove fica evidente logo no início da história quando a narradora Claudia enfatiza que a cidade é uma terra onde não florescem os cravos-de-defunto, mesmo antes de sermos informados sobre as sementes enrugadas plantadas por Claudia e Frieda e sobre quem é Pecola. A respeito dessa chegada a Lorain Christian diz:

As personagens são recém-chegadas a esta cidade, cuja conexão com outro lugar, o sul, foi intensa e sustentadora da vida apenas porque eles tiveram que forjar uma tradição de sobrevivência contra grandes adversidades. Como novos habitantes e como negros, eles são desprezados pela comunidade branca já estabelecida de Lorain, Ohio. Os migrantes negros devem, portanto, aprender a sobreviver nesta terra que atualmente é estéril para eles, mesmo que tentem desenvolver uma tradição que seja funcional neste lugar. Até que isso aconteça, suas vidas não terão coerência (CHRISTIAN, 1985, p. 48).²¹

Pauline Breedlove, representa essa falta de coerência. Ela perde o controle da vivência que tinha antes de chegar a Lorain, uma vida cheia de privacidade e liberdade de imaginação. Essa desvinculação de suas tradições anteriores a tornam vítima das ideias destrutivas de beleza física e amor romântico ao torná-las mediadoras de sua autoestima. A solidão de sua nova condição, em um lugar diferente e distante do qual fora criada são responsáveis pela falta de sentido à sua existência, atribuindo a culpa de seus infortúnios à sua incapacidade de ser uma mulher negra bonita e, portanto, digna de uma boa vida.

O produto dessa total falta de sentimentos, indignidade familiar e comunitária é sua filha, Pecola Breedlove. Uma figura isolada pela família e pela comunidade, que passa por uma experiência angustiante, cujo clímax é o estupro cometido por seu pai, posteriormente levando-a a engravidar, perder o bebê e por fim a loucura. Essa exclusão dos padrões de beleza, da harmonia da vida em família e comunitária, consequentemente a condena à fragmentação e a psicose.

²¹ Tradução do original: “The characters we will focus on are recent arrivals to this town, whose connection to another place, the South, had been intense and life sustaining if only because they’d had to forge a tradition of survival against great odds. As new inhabitants, and as black people, they are looked down upon by the more established white community of Lorain, Ohio. The black migrants must therefore learn how to survive in this land that is at present a sterile one for them, even as they try to evolve a tradition that is functional in this place. Until they do, their lives will lack coherence” (CHRISTIAN, 1985, p. 48).

A exclusão de Pecola de todas as esferas de uma vida digna, tem início quando a mãe de Claudia Mcteer a informa pela primeira vez: “Mamãe tinha dito, dois dias antes, que estava chegando um ‘caso’ - uma menina que não tinha para onde ir” (MORRISON, 2019, p. 20). Pecola, uma sem-teto, perdeu sua casa porque seu pai alcoólatra a havia incendiado. A ideia de estar sem um teto para onde ir indica um dos maiores medos da comunidade, e também sua relação com Pecola. O fato de estar sem casa, faz com que ela não se integre à comunidade, ficando sempre à margem, em busca de um lugar seguro e confortável para sua sobrevivência.

A posição de Pecola como marginalizada pela comunidade negra também é evidente quando ela é insultada por um grupo de meninos depois da escola: “Preta retinta. Preta retinta. Seu pai dorme pelado. Preta retinta...” (MORRISON, 2019, p. 69). Nesse trecho há um claro processo de outremização de Pecola, o que torna a cena particularmente dolorosa. Seus próprios colegas, negros, a estão excluindo com zombarias, cujo foco está em sua negritude e na nudez de seu pai, o que nos dá indícios do eventual estupro que ela sofrerá, e também o desejo de transformar sua negritude por meio da essência da beleza traduzida pela branquitude.

A reação de Pecola é incorporada pelo seu desejo de desaparecer dessa comunidade que a rejeita e torna sua vida insuportável. Neste estado solitário e rejeitado, Pecola deseja olhos azuis que ela sente garantirão seu amor e aceitação. Ao invés disso, ela sofre estupro induzido pelo delírio de seu pai. Essa é a experiência angustiante de Pecola, seu contato com o indizível, o que o narrador chama de “algo selvagem e proibido” (MORRISON, 2019, p. 163). Os esforços anteriores de Pecola para desaparecer são encenados em um esvaziamento de seu espírito do corpo, como está descrito na seguinte passagem:

Sua alma pareceu resvalar-lhe para as entranhas e disparar para ela, e a arremetida gigantesca que fez para dentro dela provocou o único som que ela emitiu - um aspirar abafado no fundo da garganta. Como um balão de circo, perdendo ar rapidamente (MORRISON, 2019, p. 163).

Na cena, são traduzidos todos os horrores das opressões que culminaram com o clímax do estupro: o não enquadramento aos padrões de beleza, a rejeição familiar e da comunidade, a decrepitude dos espaços onde habitava. Pecola é violentada dentro de sua própria casa, no seio de sua comunidade. E essa comunidade não apenas deixou de ajudá-la. Mas foi a responsável pela sua loucura, a tornando como uma espécie de pária ou “bode expiatório” dessa comunidade, como argumenta Christian:

No cerne do romance está a necessidade da sociedade de um pária, a necessidade de seus membros terem alguém para desprezar e, portanto, aumentar o senso de valor constantemente ameaçado. [...] O primeiro romance de Morrison expressa sucintamente a vulnerabilidade das meninas negras pobres e a facilidade com que elas podem se tornar as párias, necessárias para estruturação da sociedade (CHRISTIAN, 1985, p. 75).²²

Nesse processo de estruturação, a comunidade erra ao absorver o conceito de beleza física da branquitude. À medida que as pessoas passam a acreditar que elas são definidas pela sua aparência, elas se comportam cada vez mais como a colonialidade do poder espera que elas se comportem.

Os Breedlove são destruídos como família na ruína da loja da frente onde moravam, porque passam a acreditar em sua própria feiúra, em sua falta de amor próprio. O relacionamento natural que eles compartilham como família é distorcido: a mãe nega sua própria filha, o pai estupra sua própria filha em sua busca pela autopiedade e Pecola nega sua própria existência perseguindo e, eventualmente na insanidade, obtendo os olhos mais azuis.

A narradora Claudia, uma menina negra de dez anos, é a única personagem que demonstra algum senso de comunidade e pertencimento à negritude. Claudia e Pecola compõem um par antitético em relação a cultura branca de massa: enquanto Pecola não mede esforços para se infiltrar, Claudia a confronta almejando chegar às raízes da dominação cultural que lhe é imposta. Para desgosto dos adultos, arranca a cabeça de bonecas brancas, e se recusa em aceitar Maureen Peal, a menina de pele clara e cabelos compridos. Após uma briga com Maureen Peal, a narradora Claudia reflete sobre sua condição de mulher negra:

Estávamos assimilando a sabedoria, exatidão e relevância das últimas palavras de Maureen. Se ela era bonita - e se havia alguma coisa em que acreditar era que ela era - então nós não éramos. E o que é que isso significava? Éramos inferiores. Mais simpáticas, inteligentes, mas, ainda assim, inferiores. Bonecas podíamos destruir, mas não podíamos destruir a voz açucarada de pais e tias, a obediência nos olhos dos nossos colegas, o brilho escorregadio nos olhos dos nossos professores quando encontravam as Maureen Peals pelo mundo afora. Qual era o segredo? O que é que nos faltava? Por que era importante? E daí? Ingênuas e sem vaidade, ainda estávamos enamoradas de nós mesmas na época. Sentíamos-nos bem na nossa pele, saboreávamos as notícias que nossos sentidos nos transmitiam, admirávamos nossa sujeira, cultivávamos nossas cicatrizes, e não conseguíamos compreender essa falta de valor. Inveja nós entendíamos e achávamos natural - a vontade de ter o que a outra pessoa tinha; mas despeito era um sentimento estranho, novo para nós. E o tempo todo sabíamos que Maureen Peal não era o Inimigo e não merecia ódio tão intenso. A Coisa a temer era a Coisa que tornava bonita a ela e não a nós (MORRISON, 2019, p. 78).

²² Tradução do original: "At the crux of the novel is society's need for a pariah, the need of its members to have someone to look down upon and therefore enhance one's constantly threatened sense of worth. [...] Morrison's first novel succinctly expresses the vulnerability of poor black girls and how easily they can become the pariahs, which the structure of our society must have" (CHRISTIAN, 1985, p. 75).

No trecho, Claudia apresenta uma reação às imagens racistas e negativas da condição da mulher negra. Como em um momento de epifania ela descobre a ‘Coisa’ a ser temida: ser negra.

Ela é a principal narradora da história, vivenciando junto a Pecola o processo de outremização que culmina com a sua loucura. Nessa comunidade, ela funciona como uma espécie de “mãe de criação” de Pecola, como Collins (2019) define no capítulo sobre mulheres negras e maternidade no livro *Pensamento Feminista Negro*. A chegada a sua casa, as situações na escola e na vida, demonstram a preocupação de Claudia em relação a Pecola, evidenciando esse papel.

Através da voz adulta de Claudia, percebemos que a expiação de Pecola, de certa maneira, a faz enxergar seu lugar como mulher negra. Ela falha no papel assumido por ela na comunidade, porque uma criança negra de dez anos jamais poderia lutar sozinha contra as forças opressoras desencadeadas pela colonialidade do poder. Entretanto, ela se torna capaz de usar a extensão de sua própria voz ao refletir sobre a sua condição de mulher e negra. Sua irmã Frieda, mesmo sendo uma personagem secundária, também utiliza sua voz para denunciar uma tentativa de abuso que poderia tomar proporções maiores. Assim sendo, elas aprendem da forma mais dolorosa, através de Pecola, a dureza da vida das mulheres negras.

Claudia e Frieda, ao passarem por essa experiência junto a Pecola conseguem sobreviver. Claudia, sintetiza bem essa experiência no final do livro:

E os anos se passaram como lenços a dobrar-se sobre si mesmos [...] E Pecola está em algum lugar naquela casinha marrom para onde ela e a mãe se mudaram, nos limites da cidade, e onde, de vez em quando, ainda dá para vê-la. Os gestos de passarinho se reduziram a um mero catar e colher entre os aros de pneus e os girassóis, entre as garrafas de coca-cola e a serralha brava, entre todo lixo e a beleza do mundo - que é o que ela própria era. Todo o nosso lixo, que jogamos em cima dela e que ela absorveu. E toda a nossa beleza, que foi primeiro dela e que ela deu a nós. Todos nós - todos os que a conheceram - nos sentíamos tão higiênicos depois de nos limparmos nela. Éramos tão bonitos quando montávamos na sua feiura. A simplicidade dela nos condecorava, sua culpa nos santificava, sua dor nos fazia reluzir de saúde, seu acanhamento nos fazia pensar que tínhamos senso de humor. Sua dificuldade de expressão nos fazia acreditar que éramos eloquentes. Sua pobreza nos mantinha generosos. Até seus devaneios usamos - para silenciar nossos próprios pesadelos. E ela nos deixou fazer isso e, portanto, mereceu nosso desprezo. Nela afiamos o nosso ego, com a fragilidade dela reforçamos nosso caráter, e bocejávamos na fantasia de nossa força (MORRISON, 2019, p. 206).

No trecho, fica evidente o quanto a expiação de Pecola, serviu como redenção para essa comunidade. Sua insanidade, de certa forma, reafirma o papel de dominação e controle da colonialidade do poder.

Em *O olho mais azul*, o efeito das ideias ocidentais padronizadas de beleza física e amor romântico não afetam apenas as mulheres negras de Lorain, mas também a percepção de seu valor como comunidade negra. Todos os adultos da história, em graus variados, são afetados por sua aceitação da inversão da ordem natural dessa sociedade. Ao internalizar os padrões de beleza da branquitude, alguns membros dessa comunidade negra automaticamente se desqualificam como possuidores de seus próprios padrões culturais.

Entretanto, além da afirmação de mutilação cultural que o desejo de Pecola pelo olho mais azul ilustra, Morrison desafia a falta de naturalidade de um sistema de crenças em que a beleza física está associada à virtude e ao amor romântico. Tal sistema cria uma hierarquia na qual apenas alguns podem ser dignos de amor e felicidade, enquanto os demais estão condenados a ansiar desesperadamente por auto-realização.

A frustração do desejo natural de amor distorce o processo de crescimento e renascimento da própria terra. Assim, o estupro de Pecola por seu pai na primavera, um dramático caso de inversão, já que a primavera é considerada uma estação de renascimento, está relacionado à incapacidade dos cravos-de-defunto brotarem na terra estéril de Lorain: “As sementes murcharam e morreram; o bebê dela também” (MORRISON, 2019, p. 10).

A esterilidade da terra, reflete a esterilidade que as opressões de raça, classe e gênero projetaram na vida de Pecola, que não suporta o peso desse sistema cruel e opressivo e enlouquece. Também podem fazer uma clara alusão à esterilidade dos Estados Unidos, como esse lugar onde vidas negras não importam. Onde o racismo é institucionalizado por meio de práticas discriminatórias fomentadas pelo próprio Estado, e pela maioria de sua população branca, com o objetivo desumanizar e, muitas vezes, eliminar covardemente os sujeitos negros, como somos fartamente informados pelos noticiários e pelas redes sociais.

Morrison conclui a obra afirmando que não há espaço para inocentes no mundo: “[...] a vítima não tinha o direito de viver” (MORRISON, 2019, p. 207). Pecola Breedlove foi apenas mais uma desses milhões de sujeitos negros. Vítima dos olhares de olhos que ela tanto perseguiu. Olhos que veem, mas não enxergam. Sua expiação parece que trouxe “limpeza” e bem-estar para quase toda sua comunidade. Só que não. Apesar de ter ficado louca, não devemos nos esquecer que Pecola ainda vive. Vagando sem rumo pela periferia entre girassóis, montes de lixo, entulhos e pneus velhos, assombrando sua comunidade, lembrando a todos da feiúra e do ódio que eles alimentaram contra ela e que acabou por enlouquecê-la. Ela se tornou um lembrete da crueldade e um emblema do sofrimento humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres negras são chamadas, no folclore [...] como “as mulas do mundo”, porque nos foi dado o fardo que todas as outras pessoas – quaisquer outras pessoas – se recusaram carregar. Também nos chamam de “Matriarcas”, “Supermulheres” e “Vadias Más e Cruéis”. Sem mencionar “Castradoras” e “Mamães de Sapphire”. Quando clamamos por compreensão, nosso caráter foi distorcido; quando pedimos que simplesmente se importassem, nos deram apelos emocionalmente vazios e depois nos jogaram no canto mais esquecido. Quando pedimos amor, nos foi dado filhos. Ou seja, mesmo nossos presentes mais singelos, nossas labutas de fidelidade e amor, foram silenciados em nossas gargantas.

(Alice Walker).²³

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, procuramos analisar o sistema de opressões que afetam a vida de algumas personagens mulheres e negras no livro *O olho mais azul*, da escritora e Nobel de Literatura (1993) estadunidense Toni Morrison (1931-2019). Para essa empreitada foi feita uma breve reflexão sobre os estudos feministas decoloniais no Capítulo 2.

Um dos conceitos mais caros aos estudos decoloniais, a colonialidade do poder, conceito cunhado por Aníbal Quijano (1997), foi aqui utilizada como ferramenta de reflexão, com o intuito de observar como o capitalismo, o eurocentrismo e a branquitude mantém a colonialidade do poder e organiza a modernidade em um sistema-mundo. Essa ideia foi ampliada para o conceito de colonialidade de gênero proposto por María Lugones (2008), a fim de entender como as opressões de raça, classe e gênero, idade e geopolítica se perpetuam contra as mulheres nesse sistema-mundo, em especial as mulheres negras e de cor.

Questionamentos sobre a metodologia do pensamento feminista deconlonial foram apresentados pela antropóloga e teórica feminista afro-dominicana Ochy Curiel (2014), a fim de entendermos qual o método de análise desse pensamento seria o mais viável. Compreendemos que, para essa teórica o ponto de vista da enunciação é de extrema relevância metodológica, pois segundo a autora, ele afeta as interpretações sobre as pesquisas

²³ Citação extraída do ensaio “Em busca do jardim de nossas mães” (WALKER, 2021, p. 214).

realizadas. Constatamos que ao fazer esse movimento, Curiel estabelece uma ponte com o pensamento feminista negro, que busca uma voz própria para expressar um ponto de vista coletivo e aundefined das mulheres negras.

Nesse sentido, outro aporte teórico que possibilitou um diálogo com o pensamento decolonial nesta pesquisa, foi o pensamento feminista negro. Como Teoria Social Crítica, este pensamento foi concebido para e por mulheres negras, grupo historicamente oprimido, com o objetivo de se opor às formas de opressão perpetradas pela colonialidade do poder, consequentemente da colonialidade de gênero.

As contribuições da socióloga e teórica do feminismo negro Patricia Hill Collins (2019) foram de extrema relevância para as análises aqui apresentadas. Collins ao propor a busca de uma voz coletiva que expresse um ponto de vista mulherista e plenamente articulado, como forma de resistência às opressões e imagens de controle negativas das mulheres negras, problematizou o conceito de matriz de dominação, na tentativa de entender como o racismo, a heterossexualidade, o colonialismo e o classismo interagem para construir um sistema de opressões que afeta todos os âmbitos da vida das mulheres negras, impactando diretamente no seu cotidiano.

É nesse cotidiano, que percebemos que Grada Kilomba (2019) teceu suas análises sobre o impacto do racismo na vida de mulheres negras. Ao descrever a realidade violenta que as opressões operam na vida dessas mulheres, Kilomba nos mostrou o quanto esse sistema de opressões desencadeados pela colonialidade do poder e de gênero, por meio do racismo e suas intersecções, destitui e desumaniza as mulheres negras de sua condição de sujeitos, argumentando que é necessária uma mudança de perspectiva a fim de que os sujeitos negros silenciados e impedidos de falar sobre as opressões que os afetam, tenham voz própria.

Foi na busca pela extensão plena dessa voz, que conectamos o pensamento feminista decolonial e o pensamento feminista negro. Por meio do poder da autodefinição dessas mulheres, encontramos na literatura de autoria feminina e negra, uma poderosa ferramenta para analisar as opressões de raça, gênero, classe, idade, geopolítica, bem como outras categorias que se entrecruzam. A importância das análises sobre a tradição das escritoras negras estadunidenses, bem como de suas obras, foi destacada nesta pesquisa por meio dos estudos da crítica literária negra Barbara Christian (1985).

Fazendo coro a todas essas vozes de mulheres negras no Capítulo 3, a escritora Toni Morrison (1931-2019), por meio de sua obra *O olho mais azul* (1970), foi apresentada com o objetivo de concretizar essa empreitada. Ao produzir uma obra versátil e monumental,

Morrison discute em seus trabalhos a dinâmica do racismo e as consequências devastadoras que ele projeta na vida da comunidade negra, com destaque para suas personagens femininas.

Como ponto de partida, fomos apresentados à rica trajetória biográfica de Toni Morrison, uma das mais importantes escritoras negras da literatura pós-moderna nos Estados Unidos. A crítica literária produzida pela escritora também serviu como suporte teórico para conhecermos um pouco mais sobre os seus interesses de pesquisa e processos de criação literária. Como profunda conhecedora do cânone nacional estadunidense, as análises de seus trabalhos *Unspeakable Things Unspoken* (1988), *Playing in the Dark* (1992), nos deram um panorama da presença africana na literatura estadunidense produzida por escritoras(es) brancas(os), chegando a conclusão do quanto essa presença serviu para reforçar a inferiorização da população negra em contrastando com a afirmação da posição hegemônica da branquitude.

O conceito de “outremização” trazido por Morrison no livro de ensaios sobre racismo e literatura, *A origem dos Outros* (2017), foi de fundamental importância para entendermos nessa pesquisa, o quanto a raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante nos Estados Unidos, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle da branquitude, consequentemente da colonialidade do poder.

O suporte teórico nesta pesquisa foi utilizado como ponte para nos introduzir no universo ficcional de Toni Morrison. Os conflitos ocasionados pelas relações entre a branquitude e a negritude, através das opressões que são desencadeadas nessas relações de dominação, serviram de base para a análise literária aqui empreendida.

A escolha do livro *O olho mais azul*, primeiro romance da escritora, publicado em 1970, caiu como uma luva para essa proposta. Como afirmou Christian (1985), Morrison faz parte de uma nova fase na tradição de escritoras negras, que começaram a enxergar na comunidade uma ameaça à sobrevivência e ao empoderamento para as mulheres negras. Em *O olho mais azul*, a comunidade negra ao absorver os valores impostos pela colonialidade do poder, transforma-se em uma das principais algozes da protagonista Pecola Breedlove.

A obra foi um elemento chave para constatarmos o quanto o sexismo, a violência sexual e as opressões de raça, classe e gênero que ocorreram dentro da própria comunidade, que *a priori* deveria proteger Pecola, uma garotinha negra de apenas onze anos, acabou por levá-la a situações extremas de sofrimento físico e psicológico.

Para chegar a essas conclusões, o Capítulo 4 teve início com a contextualização do enredo e apresentação das personagens chave para a análise. Foi dada preferência a algumas personagens femininas da trama: Pecola Breedlove, a protagonista; Claudia McTeer a

principal narradora, e sua irmã Frieda McTeer, que mesmo sendo secundária, vivenciou de perto a tragédia de Pecola; Pauline Breedlove, mãe de Pecola; Maureen Peal e Geraldine, duas mulheres de pele mais clara.

Apesar de um dos interesses dessa pesquisa ter sido entender como a colonialidade do poder afeta a vida e a relação entre as mulheres negras na narrativa, alguns personagens masculinos foram mencionados por apresentarem alguma ligação importante com essas mulheres: Cholly Breedlove, pai de Pecola é o que teve mais destaque. Souphead Church, um curandeiro; Louis Junior, filho de Geraldine apareceram nas análises, mas apenas servindo de sustentação para uma reflexão mais profunda sobre algumas dessas personagens femininas.

O objetivo desta pesquisa foi tentar entender como o sistema de opressões de raça, gênero e classe afetou a vida das personagens citadas, no desenrolar da trama. O conceito de opressão proposto por Collins (2019) em diálogo com Christian (1985) foi revisitado a fim de entendermos como esse sistema opera na vida das mulheres negras nos Estados Unidos. Constatamos que as imagens de controle da mulher negra como o “outro” serviram de base ideológica para justificar as opressões sofridas pelas personagens, em especial Pecola.

Mais uma vez, o suporte teórico de Kilomba (2019) foi relevante para sustentar o argumento de que as opressões de raça, gênero e classe não agem de maneira isolada. Elas se entrecruzam de maneira indissociável. Portanto, constatamos que gênero e classe possuem um impacto na construção de raça e na experiência do racismo. Apesar de percebermos a indissociabilidade das categorias, fica difícil diferenciar qual dessas categorias tem um peso maior na opressão das mulheres negras. Mas o que constatamos, é que na maioria das formas de experiências pessoais que envolvem o racismo, também são formas de opressão de gênero. Isso ficou mais claro no desenvolvimento da análise.

Feitas as considerações iniciais no capítulo 4, subdividimos a análise em três subtópicos para melhor entendermos como o entrecruzamento dessas opressões ocorreram dentro da narrativa. No tópico 4.1, abordamos a questão da aversão racial afetada pelo padrão de beleza hegemônico da branquitude e como a absorção desses valores pelas mulheres negras da história contribuíram para oprimi-las ou afetou a relação entre elas. No segundo tópico, a questão de classe foi o cerne da análise a fim de constatar como a categoria classe se torna um dos principais fatores sobre o qual se baseia as normas sociais que ditam a maneira como uma mulher negra é vista. Por fim, no terceiro e último tópico, abordamos a contribuição que a comunidade teve para reforçar as opressões sofridas pelas personagens.

Como resultados, percebemos que o padrão de beleza hegemônico da branquitude foi utilizado na narrativa para demonstrar, o quanto não se encaixar nesses valores, levou

algumas personagens a uma vida fadada ao sofrimento, e afetou as relações sociais entre outras. O ponto que chamou mais atenção, foi a internalização desses valores por parte dessas personagens.

Verificamos que a internalização desse padrão de beleza ocorre por meio de vários sinais implícitos no texto, sinais típicos da indústria cultural de massa, que projeta nas pessoas, o ideal do que é beleza. A cartilha *Dick and Jane*, pode ser considerada um sinal, e Pecola, por ser uma criança, tenha sido alfabetizada por essa cartilha, expostas a essas imagens. Os brinquedos, em especial as bonecas brancas de olhos azuis, além de internalizarem o papel feminino da maternidade, ajudaram na absorção desses ideais de beleza.

Na análise, confirmamos que Pecola, a protagonista, foi a que mais sofreu com essa internalização. Por ser mulher, negra e criança, observamos que ela desejava religiosamente, a ponto de pedir a Deus, possuir olhos azuis, que na sua mais pura inocência, traria além da beleza perseguida, paz e harmonia para sua vida. Constatamos que esses olhos funcionam como uma espécie de redenção da protagonista, a toda opressão que ela sofria. Outro ponto percebido, é que Pecola queria apenas os olhos azuis, simbolizando o sentido metafórico da cor azul, que remete a tranquilidade, serenidade e harmonia, demonstrando que, essas eram as qualidades que ela mais desejava para sua vida, do que a própria beleza em si.

Outro sinal importante, foram as imagens propagadas pela indústria cinematográfica, percebidos aqui como um dos mais nefastos. A atriz Shirley Temple, adorada por Pecola e Frieda, era o ideal supremo de beleza que almejavam essas meninas. Pauline Breedlove, também buscou no cinema imagens que a fizessem escapar da sua condição de mulher, negra, feia e solitária, levando-a a uma tentativa desesperada de ficar parecida com as atrizes de Hollywood, com o intuito de encontrar algum valor para si. Além do mais, ao aprender a julgar as aparências pela beleza que ela via nos filmes, passou a odiar a negritude de seus próprios filhos.

Observamos que as relações entre algumas personagens foram profundamente afetadas por esses ideais de beleza. Constatamos que as nuances do colorismo também foram utilizadas na narrativa como forma valorativa da beleza. As personagens de pele mais clara, Maureen Peal e Geraldine, foram analisadas com o intuito de observarmos como essas relações foram estabelecidas dentro do texto. O resultado dessa análise foi que Maureen Peal, por ser mais clara que as outras meninas, se acha superior em beleza. Ao expressar com palavras essa ideia em um diálogo com Pecola, Claudia e Frida, ela se coloca claramente nessa posição de superioridade. Geraldine, tenta reproduzir a qualquer custo, as imagens de

controle da branquitude, ao mascarar sua negritude e de sua família. Por trás de um ideal de respeitabilidade, ela odeia tudo o que é relacionado à negritude, associando as nuances claro/escuro da pele, à limpeza e sujeira.

No final do subtópico 4.1, constatamos que ao explorar esse tema em seu romance, Morrison acrescenta a tensão que pode existir entre mulheres negras com diferentes tons de pele, do mais claro ao mais escuro, quando confrontadas com o significado dos padrões de beleza vigentes. A questão da beleza ideal ao exercer tanto fascínio na trama, provocou o apagamento da própria consciência e percepção de negritude de alguns personagens, levando-os a agirem como opressores, ao absorver as ideias nefastas e destrutivas de beleza da branquitude. Pecola não consegue enxergar sua negritude como algo valorativo, positivo, rodeada dessas imagens negativas e depreciativas. Por isso, deseja ter olhos azuis, para escapar da dor de ser negra.

No subtópico 4.2, as análises se voltaram para a questão de classe. O objetivo foi entender como essa categoria, entrecruzada por raça e gênero, como sistemas de opressão, afetou sistematicamente a vida de algumas personagens da trama, com destaque para Pecola. Constatamos que esse apontamento foi relevante, pois vimos em Christian (1985) que o conceito de classe é um dos principais fatores sobre o qual se baseia as normas sociais que ditam a maneira como uma mulher negra é vista, ou seja, de acordo com os ideais da branquitude.

Ao constatarmos que as opressões na trama não são apenas de raça e gênero, mas também de classe, percebemos que as nuances da pele negra, clara/escura, serviram como demarcadores de classe social e chegamos a conclusão de que na trama, as famílias de pele mais clara possuem uma posição econômica mais estável, enquanto as que possuem pele mais escura, são relacionadas com a pobreza.

Começamos a análise do texto literário por meio de trechos que evidenciam o contexto histórico do período, o ano de 1941, para entendermos como esse contexto afeta diretamente a vida da população negra. Dentro desse contexto, os Breedlove foram apresentados como família para demonstrar as condições financeiras pelas quais passavam.

Observamos que mais uma vez, o jogo linguístico de associações da negritude com feiura e pobreza foram utilizados por Morrison a fim de destacar a desolação da vida e do lugar onde moravam. Constatamos que sua situação demonstra como raça e aparência podem afetar a classe de uma pessoa, como eles foram afetados. O destaque para a personagem Pauline Breedlove foi crucial para entendermos a imagem de controle da *mammy*, proposto por Collins (2019).

Sobre essa personagem chegamos a conclusão de que essa exploração de classe, contribuiu para a desfragmentação de sua família, pois ao se deixar explorar por uma família branca, ela nega à sua própria família o benefício de um salário decente e o cuidado afetivo que ela poderia realizar em casa com sua família.

Na medida em que prosseguimos na análise, o livro *O olho mais azul* foi se mostrando terreno fértil para a compreensão dos papéis de classe devido a uma variedade de personagens e famílias negras nele representadas. As diferentes nuances de cor destas famílias, foram o ponto forte para essa afirmação. Constatamos que a família representada na cartilha Dick e Jane, funciona com o padrão ideal de família capitalista, de onde todas as outras deveriam se espelhar. O ideal de família branca, feliz, de classe média, e com uma posição economicamente estável.

Destacamos que famílias negras como os Breedlove e os McTeer, apesar de ambas serem pobres, o que as diferenciava era a unidade familiar. Enquanto os Breedlove não possuíam nenhuma, os McTeer por serem uma família mais convencional e de acordo com os padrões, eram mais estáveis economicamente. Ao analisarmos as famílias Peal, de Maureen, de Geraldine e os Whitcomb, do curandeiro Souphead Church, tentamos comprovar o argumento de que quanto mais clara a pele, melhor a condição socioeconômica dessas personagens na história.

Chegando ao fim da análise desta categoria, observamos um certo senso de consciência de classe presente na obra de Morrison. Constatamos o papel que o padrão de classe dominante exerce a respeito das aspirações que essas famílias possuem e que houve na história, uma clara tentativa em demonstrar essas aspirações como se fossem intraraciais, ou seja, preconceitos baseados nos diferentes tons da pele negra ao invés de conflitos de classe.

Concluimos o subtópico afirmando que Pecola Breedlove é a personagem mais pobre e vulnerável da história, portanto a que mais é desumanizada pela opressão de classe e que Morrison tenta mostrar no livro a relação causal entre raça e classe, e o quanto o sistema econômico capitalista dá origem à ideologia racista.

O último objeto de nossa análise literária, aparece no subtópico 4.3. Escolhemos a comunidade para fazer essa análise, pelo papel que ela desempenha para as pessoas negras. Christian (1985) foi de fundamental importância para as análises feitas, pois a crítica afirma que como em uma tradição ancestral africana, o lugar é tão importante quanto às ações humanas e contribui para a manutenção das tradições e que uma simples mudança nesse local, altera drasticamente os valores tradicionais que dão coerência à vida das personagens.

Percebemos que essas tradições que são tão importantes para a comunidade negra, começaram a ser rompidas no ato da mudança dos Breedlove do Sul para o Norte, em busca de melhores condições de vida, na cidade de Lorain, Ohio. Essa percepção ficou comprovada por meio de antecipações na literariedade do texto, por meio de flores que não florescem nesse lugar.

A primeira que se perde nessa mudança, é Pauline Breedlove. Verificamos que longe de suas tradições ancestrais ela se tornou vítima das ideias destrutivas de beleza física e amor romântico ao torná-las mediadoras de sua autoestima. A solidão de sua nova condição, em um lugar diferente e distante do qual fora criada são responsáveis pela falta de sentido à sua existência, atribuindo a culpa de seus infortúnios à sua incapacidade de ser uma mulher negra bonita e, portanto, digna de uma boa vida.

Constatamos que o fracasso da vida familiar, amorosa e financeira da família Breedlove é espelhado por Pecola. Mostramos que por ser uma figura isolada pela família e pela comunidade, ela passou por uma experiência angustiante, cujo clímax é o estupro cometido por seu pai, posteriormente levando-a a engravidar, perder o bebê e por fim a loucura. Afirmamos que essa exclusão dos padrões de beleza, da harmonia da vida em família e comunitária, consequentemente a condenou à fragmentação e à psicose.

Um contraponto que percebemos nessa história angustiante e que serve de reflexão para todos nós, encontramos na personagem Claudia McTeer, a narradora. Ao experimentar todos os horrores de crescer em uma comunidade negra que absorve ideais que não são os dela, aprende a grande lição mais dolorosa de sua vida: ser mulher e negra. Sua unidade familiar em meio a tanto horror, é percebida pelos fortes laços de amor entre seus membros.

Como resultados finais desta pesquisa por meio de análise literária, chegamos à conclusão de que o desejo de Pecola ter olhos azuis, gradativamente vai se transformando no seu desejo em desaparecer, ficando invisível, na tentativa de escapar das opressões de raça, classe e gênero que pesam sobre ela, uma garotinha negra e pobre de apenas 11 anos. Por fim ela consegue os tão almejados olhos azuis que tanto buscou. Mas o preço pago foi muito alto. A sua loucura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. **The Bluest Eye Bloom's Guide**. Bloom's Literary Criticism, 2009.

CHRISTIAN, Barbara. **Black Feminist Criticism: Perspectives on Black Women Writers**. New York : Pergamon Press, 1985.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

CURIEL, Ochy. Construindo Metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: (Org.) HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. (1.ed). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HIGGINBOTHAM, Evelyn Brooks. **Righteous Discontent: The Women's Movement in the Black Baptist Church, 1880-1920**. Harvard University Press, 1994.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. A máscara; Quem pode falar?, Dizendo o indizível. In: **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e Conferências**. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.;

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas Decoloniais**. (1.ed). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MCINTOSH, Peggy. White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack. **Peace and Freedom Magazine**, 1989.

MEHREZ, Samia. The Subversive Poetics of Radical Bilingualism: Postcolonial Francophone North African Literature. In D. LaCapra (Org.), **The Bounds of Race: Perspectives on Hegemony and Resistance** (pp. 255–277). Cornell University Press, 1991. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctv3s8q2p.13>>. Acesso em 07/05/2022.

MORRISON, Toni. **A Origem dos Outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **O Olho Mais Azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. **Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination**. (2.ed). Vintage, 1993.

MORRISON, Toni. **A fonte da Autoestima: ensaios, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Anuario Mariateguiano**, Vol. IX, N° 9, 1997.

ROYNON, Tessa. **The Cambridge Introduction to Toni Morrison**. Cambridge University Press, 2012.

WALKER, Alice. **Em Busca do Jardim de Nossas Mães**. (1.ed). São Paulo: Bazar do Tempo, 2021.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. (1.ed). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.